

REVISTA AGRO-PECUÁRIA

Sob o patrocínio da "Sociedade Rural do Triângulo Mineiro"



ANO XIII

SUPLEMENTO

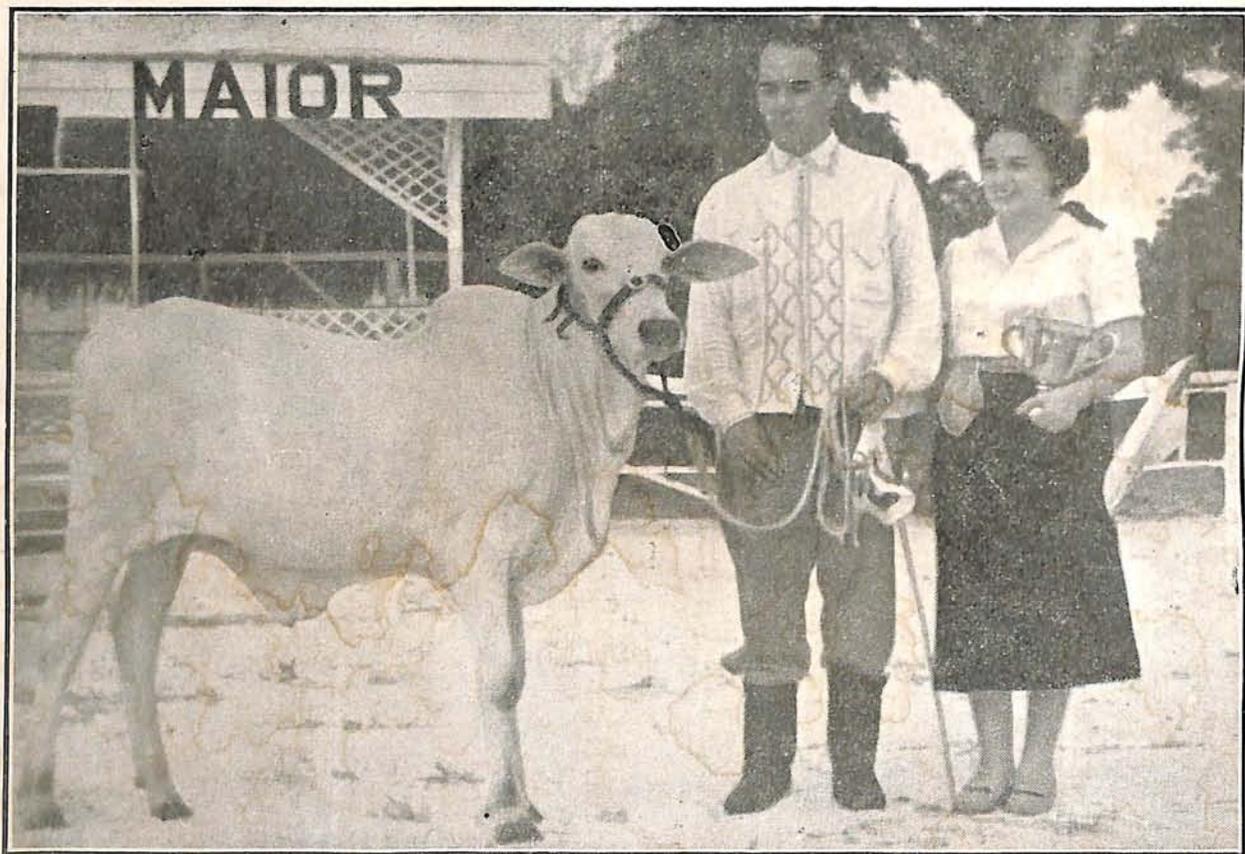
95

OUTUBRO - 952

Fazenda São Lourenço

UMA DAS MAIS CAPHICHOSAS SELEÇÕES DE GADO NELORE
DO ESTADO DO PARÁ

ILHA DO MARAJÓ = SOURE



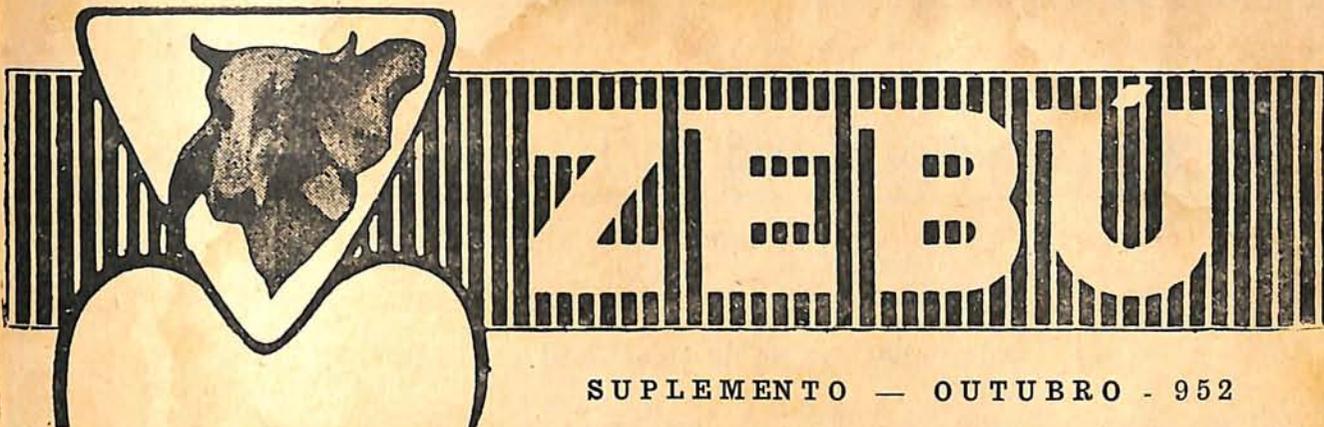
No cliché acima, apresentam-se o dr. Domingos Nunes Acatauassú, ao lado de sua exma. esposa, senhora Heronides de Albuquerque Acatauassú, sustendo ao cabresto o bezerro FIDALGO, Campeão Jr. da Raça Nelore, em sua categoria e distinguido com a Taça «Sociedade Rural do Triângulo Mineiro», conferida ao «melhor exemplar campeão e cria do município de Soure», em sua I.ª Exposição-Feira Regional de Pecuária — 952.



Propriedade do dr. _____

Domingos Nunes Acatauassú

Av. Independência, 565 — Belém — Pará



SUPLEMENTO — OUTUBRO - 952

O QUE EU VI EM MARAJÓ

Idealizada e realizada por um grupo de fazendeiros da nova geração, sem quasi nenhum apôio oficial e lutando, mesmo, contra os derrotistas que têm, sempre, a sua atuação em todos os grandes cometimentos como aquele, presenciamos a I Exposição-Feira Regional da Ilha de Marajó, na cidade de Soure. Tivemos, então, ensêjo de assistir a uma primeira exposição que, por sua organização, capricho e, ainda, pelo padrão do gado apresentado a julgamento, se pode comparar, sem nenhum favor, a uma das já tradicionais paradas pecuárias do Brasil Central.

Tendo-se como ponto de referênciã os espécimes expostos, a seleção de gado das raças Gir e Nelore está bastante adiantada, notando-se a falta do Guzerá que, a nosso vêr, devia aclimatar-se e prosperar muito bem, na Ilha do Marajó.

O gado nativo comum que tivemos ocasião de observar, em visita feita pelo interior da ilha — o Punga, é um elemento bastante forte para uma boa crusa e que, em mestiçagem com o zebú, deve dar excelentes produtos para corte.

Voltando aos animais expostos nos certame de Soure, é interessante salientar que nos impressionou, também favoravelmente, o seu trato, assim como a sua docilidade, bem como o cuidado que lhes é dispensado, no recinto, no que têm interferência, não raro, os seus próprios donos.

Pelo êxito alcançado pelo certame, em sua primeira realização, deve-se realçar, em primeiro plano, o trabalho dos srs.: dr. Fernando Engelhard, prefeito municipal de Soure, lutando contra vários e ponderáveis fatores adversos; dr. Mário Teixeira, na organização da parte técnica; dr. Loris Olimpio de Araujo, presidente da ARPP e, além desses e por fim, o dr. Saint Clair Martins, o «pau p'ra toda obra» do magnífico empreendimento.

* * *

A Ilha de Marajó é um futuro celeiro nacional, podendo sê-lo também do mundo, desde que melhores cuidados lhe sejam dados pelo Governo Federal. Alí se encontram terras fertilíssimas, com um período de estiagem relativamente curto, dependendo de um único problema que é a regularização dos seus cursos d'água, de modo a serem evitados, no possível, os efeitos antagônicos das sêcas e enchentes.

Nestes dois últimos anos, entretanto, já se tem feito alguma cousa, por intermédio do Departamento de Portos, Rios e Canais, repartição essa que necessita e devia ter bem melhores verbas para a solução de tão relevantes problemas para a economia nacional, maior, bem maior mesmo que o da Baixada Fluminense e dispondo, entretanto, apenas de uma oitava parte, talvez, do material e recursos aplicados nesta última.

Por aí se vê que, cuidada devidamente aquela recuperação, a Ilha do Marajó, abrigando hoje em suas terras feracíssimas — 400.000 mil bovinos, virá forçosa e facilmente a abrigar 8 milhões de cabeças, para grandeza de nossa economia.

Por ANDRÉ WEISS

Associação Rural da Peceária do Pará

REG. N. 10 — SÉRIE ARE

DO SERVIÇO DE ECONOMIA RURAL

RUA GASPAR VIANA N.º 43 — CAIXA POSTAL, 236

BELÉM — PARÁ

—:—

DIRETORIA

Dr. Loris Olímpio Corrêa de Araujo — Presidente
Dr. Nestor Pinto Bastos — 1.º Vice-Presidente
Dr. Cláudio Mendonça Dias — 2.º Vice-Presidente
Antonio Martins Junior — 1.º Secretário
Dr. Angelino Rodrigues de Lima — 2.º Secretário
Dr. Saint-Clair Leôncio Martins — 1.º Tesoureiro
Francisco Fernando Dacier Lobato — 2.º Tesoureiro

COMISSÃO FISCAL

Efetivos: — Dr. Benedito de Castro Frade
Dr. Leão Alvares de Castro
Rodolfo Chermont

Suplentes: — Raul Lobato Boulhosa
Alvaro Salgado Guimarães
Fernando Dias Teixeira

COMISSÃO JURÍDICA

Dr. Benedito de Castro Frade
Dr. Doris Olímpio Corrêa de Araújo
Dr. Angelino Rodrigues de Lima

COMISSÃO TÉCNICA

Dr. Homero Taveira Lobato
Dr. Adalberto Taveira Lobato
Alvaro Salgado Guimarães

COMISSÃO DE COORDENAÇÃO E FOMENTO

Romão Amoedo Júnior
Raul Lobato Boulhosa
José Ferreira Teixeira Júnior

BIBLIOTECÁRIO E CENSOR

Mário Dias Teixeira

Cooperativa da Indústria Pecuária do Pará, Limitada

DIRETORIA

Dr. Nestor Pinto Bastos — Presidente

Francisco Fernando Dacier Lobato — Diretor da Carteira de Crédito e Fomento

Dr. Raul Boulhosa — Diretor da Carteira de Produção, Consumo e Navegação

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Antônio Martins Junior e Elísio Pessoa de Carvalho

CÂMARA DELIBERATIVA

Dr. Loris Olímpio Corrêa de Araújo
Dr. Saint-Clair Leôncio Martins
Dr. Benedito de Castro Frade
Dr. Armando Novais Moreli
Dr. Cláudio Mendonça Dias
Dr. Antônio Tocantins Pena
Joaquim Nunes da Silva
Francisco de Paula Valente Pinheiro
Álvaro Salgado Guimarães
Adalberto Cunha Dacier Lobato
Armando Dias Teixeira
Heráclito de Almeida Cavalcante

SUPLENTE S

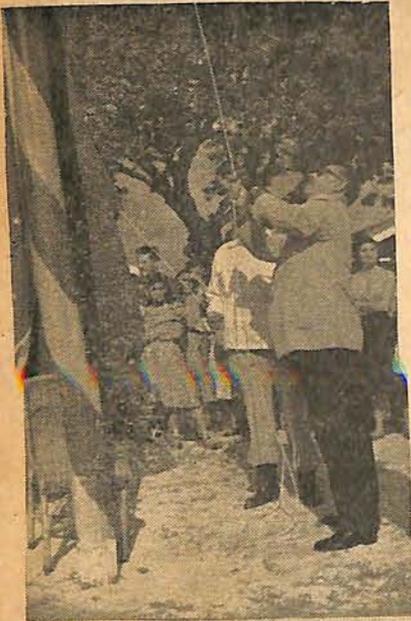
Dr. Angelino Rodrigues de Lima
Dr. Moisés Benchimol
Dr. Ierval Corrêa Lobato
Cláudio Monard

CONSELHO FISCAL

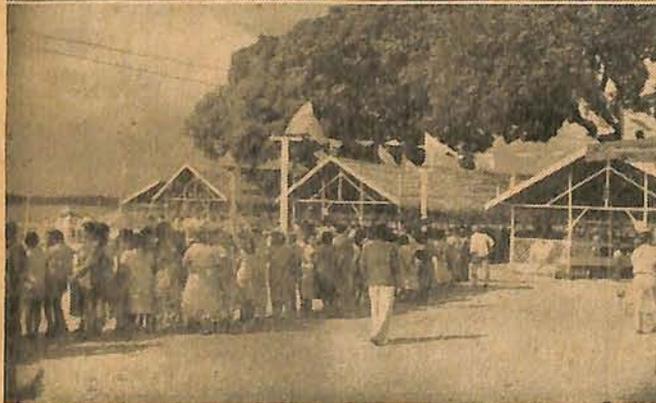
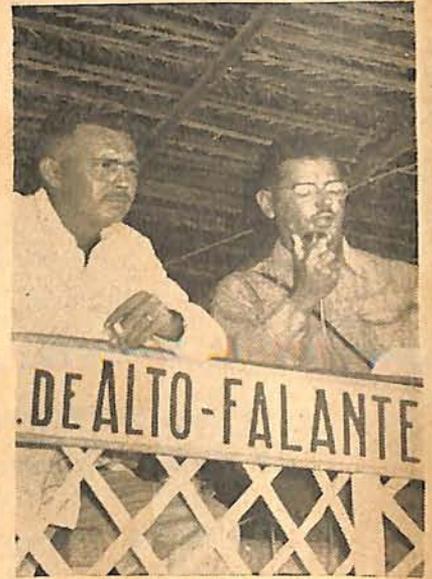
Dr. Michel Melo e Silva
Dr. Domingos Acatauassú Nunes
Adriano Nunes dos Santos

SUPLENTE S

Jaime Dacier Lobato
Luiz Euclides Trindade Frazão
José Lobato Boulhosa



A' esq.: 1 e 2 — O governador Zacarias Assunção, hasteia o Pavilhão Nacional e, a seguir, dá entrada no recinto ao lado do Prefeito Rodolfo Engelhard. 3 — D. Alonso, bispo de Marajó, celebrando a missa campal no parque de exposições, em Soure. 4 — Aspectos dos pavilhões. 5 — Alzabir e dr. Acrísio Fúlvio de Miranda Corrêa, ao lado do dr. Armando Teixeira, pronuncia seu brilhante discurso.



EXPOSIÇÃO PECUÁRIA

Pelo navio "Fortaleza", em 27 de agosto, às 22 horas, fretado pela Com. Organizadora da 1.ª Exp. de Soure seguiram de Belém os convidados para o referido certame, que foi inaugurado, oficialmente, no dia 30, com suas festividades, iniciadas desde 8 hs. da manhã.

Entre muitos outros, conseguimos anotar a presença do exmo. sr. governador Zacarias de Assunção; general Eudoro Barcelos de Moraes, comandante da 8.ª Região Militar; brigadeiro Carlos Rodrigues Coelho, comandante da Primeira Zona Aérea, acompanhados de suas distintas esposas; major Janari Gentil Nunes, governador do Território Federal do Amapá e senhora; consul e consulesa George T. Coiman, dos Estados Unidos; comandante Alexandre Alves de Sousa, capitão dos Portos do Pará; deputados federal dr. Epilogo de Campos e estaduais, dr. João Menezes, João Camargo, Acindino Campos, Reis Ferreira, Silvio Braga, Abel Figueiredo e Libero Luxardo; sr. Antonio Martins Junior, presidente da Associação Comercial do Pará; de uma representação dessa Associação, composta dos srs. Idalvo Pragana Toscano, Expedito Fernandes, Germano Gonçalves Pereira e José Maia Bezerra; sr. Pedro Santos, representante da COAP; dr. Lóris Olimpio de Araujo, presidente



A' esq.: Fala o Prefeito de Soure, dr. Rodolfo Engelhard. A' direita: 1 — O governador e o Prefeito. 2, 3 e 4 — Vários aspectos tomados no recinto de exposições de Soure, Pará, por ocasião da inauguração de sua 1.ª Exposição-Feira Regional de Pecuária, realizada nos últimos dias do mês de Agosto, p. passado.



REGIONAL

EM SOURE

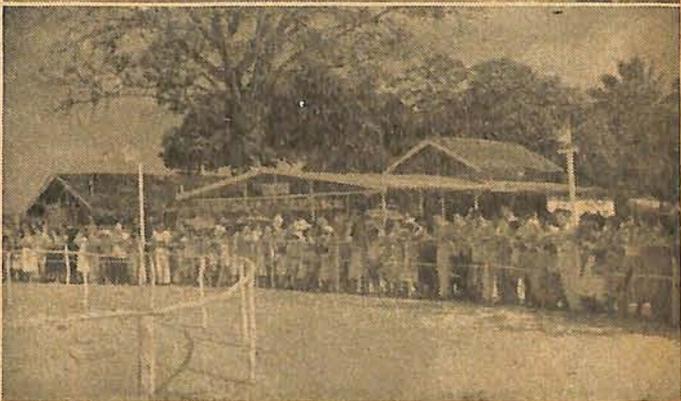
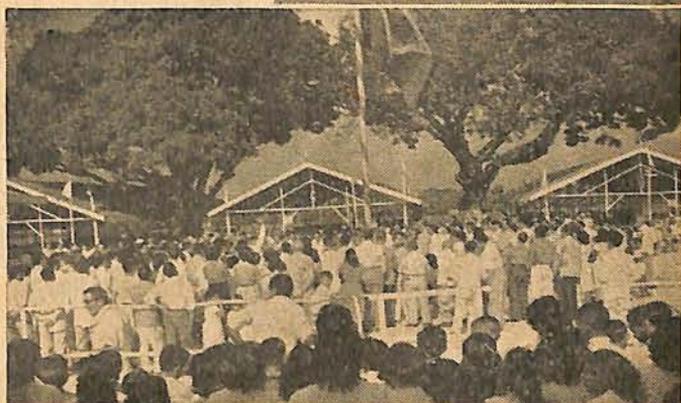
Reportagem de ANDRÉ WEISS

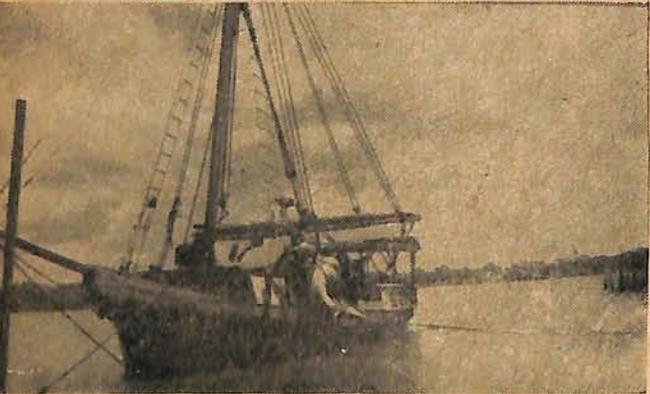
da ARPP; dr. Nestor Bastos, presidente da SOCIPE; dr. Acrisio Fulvio de Miranda Correa, diretor da Segunda Divisão de Portos, Rios e Canais; dr. Eduardo Ferreira da Ponte, delegado do SER; sr. Antonio Lopes Roberto, diretor do Departamento de Produção do Estado; dr. Edmundo Batista Marinho, inspetor, regional do Fomento Animal; sr. Natalino Brito, pela Caixa Economica Federal do Pará; sr. Francisco Valente de Paula Pinheiro, diretor do BCA; sr. José Emilio Martins, pelo Banco Comercial do Pará; dr. Carlos de Melo, pelo IAN; dr. Coutinho de Oliveira, inspetor do Fomento Vegetal; além de muitas outras cujos nomes não conseguimos anotar.

NA ILHA DE MARAJÓ

Após a chegada da chata "Fortaleza", transformada em hotel dos convidados, foi dado início à execução do majestoso programa.

As 8 horas, no recinto da Exposição, foi celebrada missa campal, por D. Gregório Alonso, bispo da Prelazia do Marajó, assistida pelas autoridades presentes, criadores e grande massa humana que para ali acorreu. Depois das cerimônias religiosas, o ilustre prelado proferiu





Acima: diversos aspectos da visita do Governador do Amapá — Major Janari Nunes, ao recinto de exposições em Soure, sendo saudado pelo dr. Mario Teixeira e deputado Luxardo. Por último, o homenageado agradecendo.

um sermão, durante o qual exaltou a felicidade da iniciativa do prefeito — Rodolfo Engelhard, detendo-se, ainda, em considerações sobre a importância do certame que marcava a concretização de uma das maiores aspirações dos pecuaristas paraenses. As palavras do prelado calaram profundamente no espírito de todos. A seguir D. Alonso passou a benzer o recinto da Exposição, sob o silêncio e a emoção do povo.

HASTEADO O PAVILHÃO NACIONAL

Após a bençã foi procedida a cerimonia do hasteamento da Bandeira Brasileira, pelo governador do Estado, ao sacordes do Hino Nacional, cantado pelos alunos do grupo e escolas de Soure, acompanhados dos presentes.

FALA O PREFEITO DE SOURE

Em seguida, falou o Prefeito Municipal — Rodolfo Engelhard, presidente da Com. Organizadora, entregando o recinto às autoridades e fazendeiros com as seguintes palavras:

“Em 1.º de abril de 1951, no momento em que eramos empossados no cargo de Prefeito Municipal para o qual havíamos sido eleito, prometemos a realização de uma exposição de animais, como parte indispensável de nosso programa administrativo.

“Fácil é compreender a nossa intenção quando nos impuzemos a nós próprios essa tarefa, pois sendo este municipio uma unidade politico-administrativa essencialmente pecuarista, natural seria que, em primeiro plano, estivessem em nosso programa as iniciativas ligadas ao fomento da indústria pastoril, como fonte de riqueza e mais que isso, manancial de recursos alimentares.

“Das altas e proveitosas finalidades de certames como este que ora se inaugura, falam mais eloquentemente os resultados colhidos por aqueles que objetivando a transformação positiva da pecuária buscaram nas exposições o meio prático e eficiente de fazer educação extensiva do criador.

“Não será demais, no entanto, aludir a alguns dos resultados dessas exposições que, através a revisão de métodos e o estudo periódico das possibilidades evidenciadas, produziram grandes surtos de progresso no sentido da melhoria qualitativa e quantitativa da produção.

“Se de um lado sobressaem os efeitos de natureza psicológica, por outro, materializam-se com evidencia inofismável os frutos da transformação da mentalidade que se opera sistematica e beneficemente.

“Aos mais céticos e descrentes que por qualquer motivo ou circunstância duvidaram de que pudesse levar a efeito esta jornada de trabalho,

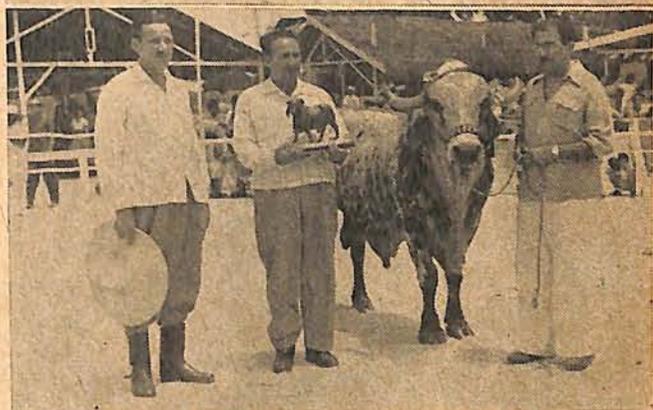
na qual bem se podem aquilatar das possibilidades reais de nosso criatório, apresentamos, com a ajuda de Deus e dos homens de boa vontade, o cumprimento integral de nossa promessa de ontem.

“Não nos impulsionou a vaidade fútil e muito menos, o partidário estreito e atrofiante quando afirmamos sentir-nos orgulhosos do sucesso já constatado. Porque o nosso orgulho, senhores, não é personalista e sim orgulho de ver que as iniciativas em prol da coletividade encontram eco nas consciências sadias e nos caracteres idealistas. E não fosse a receptibilidade por parte desse idealismo e dessa consciência de dever público e não teríamos sido capazes de concluir a execução do programa traçado.

“Foi a compreensão do criador que aqui trouxe u’a mostra de seu trabalho, e ela antes de nada, que nos animou e estimulou desde a simples cogitação até à realidade que se nos depara neste recinto. Sem distinção de municípios ou zonas, de menor ou maior posse, nunca regatearam os criadores a sua palavra de incentivo e até ajuda material. A Associação Rural da Pecuária do Pará, tanto quanto a Cooperativa de Pecuária do Pará, órgãos que congregam a quase totalidade dos fazendeiros do Estado, formaram vanguarda ao lado da Prefeitura de Soure, na luta pela consecução da etapa planejada. Mobilizaram-se recursos materiais e apoio moral de todos quantos estivessem direta ou indiretamente ligados aos problemas socio-econômicos da pecuária. A essas associações e a seus dirigentes em particular endereçamos as expressões de nosso profundo reconhecimento.

“Apêlos foram feitos aos quatro ventos em todos os quadrantes do Estado ou do País onde houvesse alguém que devesse tomar interesse por esta festa de trabalho. Se alguns dêles não foram ouvidos, só nos resta lamentar a redução ao ról daqueles que credenciaram seus nomes em caráter definitivo à mais justa admiração e ao mais elevado respeito.

“O Departamento Nacional da Produção Animal, atendendo às solicitações que de nós e de todos mais que conosco colaboraram, contribuiu, com recursos orçamentários de que dispõe, com a quantia de cinquenta mil cruzeiros. Conquanto ainda se encontrem em processo de recebimento, constituiu auxílio inestimável do qual poderemos dispôr para cobertura de uma parte das despesas do conclave. Além disso, a Divisão do Fomento da Produção Animal, do mesmo Departamento trouxe até nós apoio decisivo de uma comissão julgadora que honra por todos os títulos e pela tradição invejável de que é portadora, qualquer certame do genero. Aos srs. Joime Bernardes Cotrim, José Rodrigues Calheiros e Clóvis de Rezende, integrantes da Comissão Julgadora de nossa 1.ª Exposição, rogamos aceitar as mani-



Acima: 1 e 2 — Os campeões das Raças Nelore e Gir, ao lado dos seus proprietários, no recinto da Exposição. Em baixo, a comissão julgadora dos espécimes das raças indianas — Drs. José R. Calheiros e Jaime Cotrim, integrada pelo criador uberabense sr. Clóvis Rezende.



Acima: Três aspectos do almoço oferecido, no recinto, ao Governador Janari Nunes, no último dos quais, entre senhoras e senhoritas paraenses, sua exma. esposa. Em baixo: moderna embarcação para transporte de gado na Ilha do Marajó.

festações mais calorosas de nosso agradecimento, transmitindo-as de viva voz aos srs. dr. João Ferreira Barreto e Jorge de Abreu, Diretores do Departamento Nacional da Produção Animal e da Divisão de Fomento da Produção Animal, respectivamente.

“O 2.º Distrito de Portos, Rios e Canais, com sede em Belém, cedeu para nosso trabalho um trator que prestou relevantes serviços. Ao seu Chefe, o engenheiro Acrísio Fulvio de Miranda Corrêa o penhor da gratidão da Comissão Organizadora desta Exposição.

“O Banco de Crédito da Amazonia e a Caixa Econômica Federal do Pará, espontaneamente, trouxeram ao nosso certame a ajuda material de que tanto necessitavamos, através auxílio financeiro num total de 25 mil cruzeiros. Aos srs. drs. Gabriel Hermes Filho e Renato Franco manifesta-se agradecida a Comissão Organizadora que deles recebeu também palavras de fé e estímulo.

“O Instituto Agrônomo do Norte, cedendo uma caçamba-automóvel e mandando de sua fazenda em Fordlândia uma representação de seu plantel da raça Nelore, credenciou-se à gratidão da Comissão Organizadora da Exposição e de toda a pecuária.

“O Governô do Território Federal do Amapá foi inexcédível em apoio moral e material à nossa 1.ª Exposição-feira de pecuária. S. excia. o sr. major Janary Gentil Nunes, dd. governador do próspero território enviou a Soure uma representação dos planteis das diversas raças bovinas criadas no seu Posto-Agro-Pecuário. Além disso, os criadores e o funcionalismo do Território do Amapá, fizeram-se respresentar condignamente pelos srs. Arlindo Corrêa, Vicente Pontes Sobrinho, Amiraldo Nunes e dr. Antonio Queizor Vasques. A visita que ontem recebemos do ilustre governador do Amapá e excelentíssima esposa, além de sobremodo honrosa, constituiu a oportunidade em que sua excelência poude fazer pessoalmente a entrega de um tourinho Indúbrasil que o governo amapáense ofertou ao expositor de menores posses. A gratidão portanto é o sentimento que nos anima ao registrar-mos a cooperação do governô do Amapá à nossa exposição de animais.

“A Sociedade Rural do Triângulo Mineiro, enviando um representante, o sr. André Weiss, aqui presente, veio afirmar aos criadores do Pará que seus irmãos mineiros ouviram suas clarinas anunciando esta parada de trabalho. Os nossos agradecimentos ao sr. Adalberto Rodrigues da Cunha e demais dirigentes da Sociedade Rural do Triângulo Mineiro e ao seu representante entre nós.

“A toda a imprensa escrita e felada agradecemos a publicidade que deram da realização da nossa primeira feira de pecuária.

“Aos criadores que expuseram seus produtos e aos tratadores desses animais, nossos espe-

ciais agradecimentos e a promessa de que no próximo ano de 1953 novamente estaremos reunidos neste recinto, sob as bênçãos de Deus, para reafirmarmos o sucesso deste ano.

“Aos funcionários da Prefeitura e aos operários todos que trabalharam nos preparativos da Exposição, agradecemos a colaboração prestada com dedicação e esforço.

“Ao sr. Olivar Sales, piloto civil a serviço da Cooperativa de Pecuária o nosso muito obrigado.

“Finalmente aos excelentíssimos senhores visitantes de todas as procedências que com suas presenças trouxeram até nós o seu aplauso e seu estímulo, de par com o nosso profundo reconhecimento o nosso pedido de que vemos nesta modesta mas expressiva festa de criador marajoára a manifestação veemente de um idealismo que tudo impulsiona.

“Concluindo, pedimos em nome da Comissão Organizadora que, hasteando o pavilhão nacional, dê por inaugurada a Primeira Feira Regional de Pecuária de Soure”.

O DESFILE DOS ANIMAIS

Em seguida foi realizado o desfile de animais expostos no recinto.

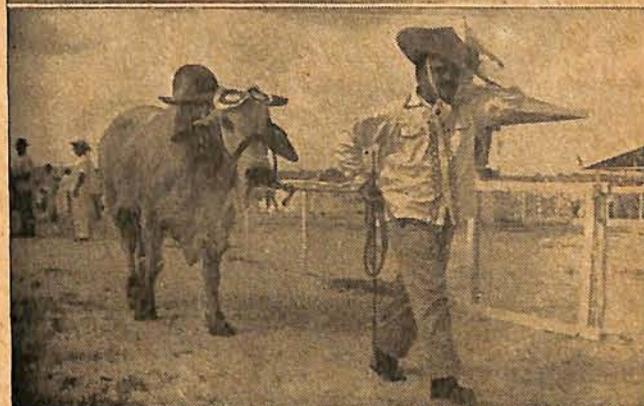
Vimos animais das raças zebuínas, animais excepcionais. Principalmente da raça Nelore e Gir. Parece-nos que há na ilha uma certa preferência pelo Nelore, havendo já alguns criadores com plantéis excelentes. A raça Gir também foi bem representada. Achamos que devia ser criado também o gado Guzerá, bem selecionado. No desfile de animais mestiços, vimos exemplares mestiços guzerá bem bons. Os mestiços da raça Gir e Nelore apresentaram-se com ótima conformação frigorífica.

Os animais, em grande parte puchados pelos seus proprietários, com trajés típicos da Ilha de Marajó, arrancaram, cada instante aplausos, da selecionada e numerosa assistência.

FALA O DR. ACRÍSIO MIRANDA

Após o desfile dos animais, teve a palavra, ainda, o Dr. Acrísio Fulvio de Miranda, diretor do 2.º distrito do D.F.P.R.C., o qual pronunciou o seguinte discurso:

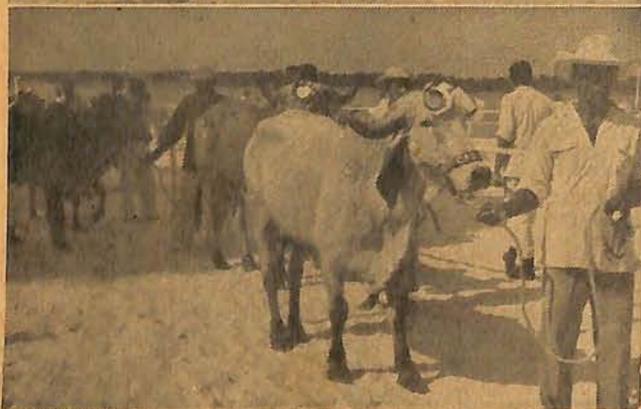
“Eis-me entre vós, criadores de Soure; eis-me entre vós, que mantendes, no glorioso Estado do Pará, as melhores tradições de grã-senhores da vida rural brasileira. E foi como grã-senhores, com a generosidade de que ficam impregnados quantos a terra generosa trabalham, como vós a trabalhais; foi como grã-senhores que me chamastes, através do pronunciamento de vosso Prefeito, delegado da vossa vontade, a comungar das vossas alegrias, neste dia em que testemunhamos o ato inaugural da I Exposição-Feira Regional da Pecuária.



Nesta página apresentamos alguns aspectos do desfile de animais premiados. Note-se o entusiasmo dos grandes criadores marajoáras, todos cuidando com carinho dos seus valiosos espécimes zebús.



Nestas páginas — outros aspectos do desfile de premiados,
do grande churrasco e do rodêio.



“Bem sabeis que era um leigo que chamaveis, bem sabeis que era um cêgo que trazieis a esta hora solar de vossa experiência de peritos e especialistas. Não ignoraveis, porém, por outro lado, o entusiasmo do forasteiro pela vossa gleba, não ignoráveis o tributo de admiração que rende êle, com espirito de justiça de que se vangloria, desde que entrou em vosso convívio, ao trabalho que realizais, e não desconheceis, ainda, que um milagre pode fazer com que um cêgo se deslumbre. E o milagre ocorreu. O cêgo que eu sou, nos assuntos da vossa esfera, deslumbrou-se ante o documento do vosso labor, da vossa tenacidade, da vossa bravura moral, que êste certame concretiza. Estamos em face, pelo menos eu o estou, de um dos mais eloquentes depoimentos do que pode afirmar a fé humana, do quanto podem edificar a força espiritual e a inteligência construtora, se orientadas pela integridade de caráter e consciência do dever. Nestas dependências, onde exibis o fruto das vossas conquistas nos planos do selecionamento de vossos rebanhos, está toda a história triunfal de uma raça vigorosa e capaz. Não sois, apenas, os decididos domadores de búfalos nos têsos. Domais, também, a própria natureza, cujas leis transfigurais, usando os recursos da ciência e da técnica. Domais, disciplinando-as ao sabor das exigências do progresso, as leis naturais da reprodução, e foi assim que transformastes, apurando-as no laboratório imenso dos campos, as espécies que plantara, como um marco da sua arrancada costa acima, da Baía de Todos os Santos ao estuário que Pedro Teixeira percorreu deslumbrado, o colonizador seiscentista.

“Gigantesca, senhores criadores de Soure, a vossa obra, tanto mais que a levastes a cabo desamparados e desassistidos de outro auxílio, de outra colaboração, de outro apoio que não fosse resultante da união, do congraçamento de vossos interesses, e, acima de tudo, vistes o interesse supremo desta terra, que amais com o amor de filhos. E foi este amor, certamente, que vos deu forças para vencer a batalha árdua em que vos

empenhastes, foi este amor que frutificou neste magnífica colheita.

"Gigantesca, sem d:vida, a vossa obra, obra de pioneiros, obra de bandeirantes, de plasma-dores da riqueza pecuária nos pampas da Marajó. E nada mais justo que estejais ufanos dela, nada mais justo que vos orgulheis da tarefa cumprida, embora saiba eu bem que não a considereis cumprida, mas apenas iniciada, e que a novas etapas vos lançais na vossa caminhada em busca da perfeição.

"Senhores:

"Chamou o vosso Prefeito, o hospitaleiro Prefeito Rodolfo Engelhard, a este certame, a "Festa da Pecuária". Não poderia defini-la melhor. É, realmente, uma festa que estamos assistindo, uma festa de rara expressão, festa de alegria do trabalho, festa do poder econômico, festa da opulência que o homem construiu pela sua vontade e pelo seu esforço. E, o que é mais importante, uma festa legitimamente paraense, uma festa de alta significação brasileira. Dela admitido a participar, porque assim o quizestes na vossa incomensurável bondade, deixai que eu vos diga: Não entendo de rebanhos, mas percebo de homens. Se nos campeões que apresentais posso ver apenas as linhas de beleza física, por trás do semblante de cada um de vós posso ver, neste instante de esplendores, posso ver as virtudes másculas e maiúsculas dos estuários que ergueram este monumento, que lavraram esta obra-prima que é a riqueza pastoril de Soure, capital econômica da Ilha de Marajó:

"Senhores:

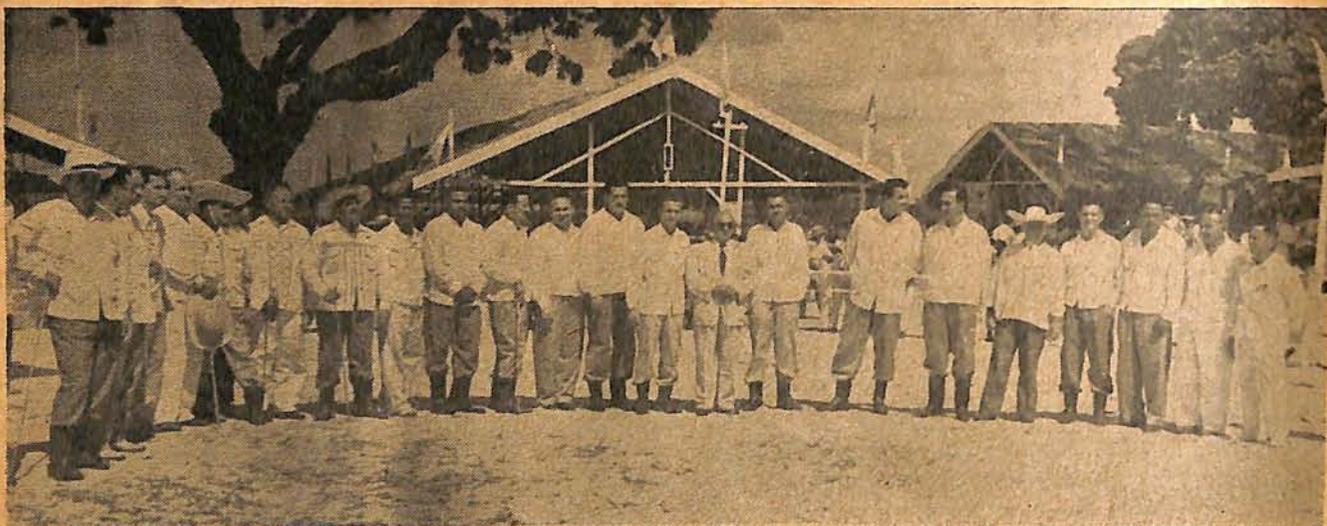
"Aceitai o tributo de minha admiração e o penhor do meu respeito".

VISITA DO GOVERNADOR DO AMAPÁ

O ilustre governador do Território Federal de Amapá, Major Janari Gentil Nunes, dando mais uma vez mostras do seu interesse por tudo quanto diz respeito ao desenvolvimento econômico da Amazonia, havia estado na véspera em Soure acompanhado de sua digna esposa, pronunciando por ocasião da Exposição um vibrante e patriótico discurso.

Iniciado o desfile que se organizou especial-





mente para sua visita ao recinto, o serviço de alto-falantes da Exposição ia anunciando os nomes de todos os animais, destacando os premiados, sendo todos vivamente palmeados pelo preparo físico e beleza que ostentavam.

Nesta ocasião, saudou ao ilustre visitante o deputado Libero Luxardo, num improviso, que impressionou a todos os presentes.

Falou ainda, dr. Mario Teixeira, em nome da Com. Organizadora da 1.ª Exposição, tendo o governador agradecido, com palavras carinhosas, referindo-se dos criadores da Ilha de Marajó.

PREMIO DO GOVERNADOR DO AMAPÁ

S. Excia., não quiz retirar-se sem dar mais uma demonstração do seu grande espírito realizador de homem de larga visão, determinando aos seus representantes que dessem como premio ao criador mais pobre que tivesse comparecido à I Exposição-Feira de Soure, um garrote do grande plantel daquele território e inscrito no certame de Soure.

ALMOÇO AO GOVERNADOR JANARÍ

Foi oferecido, pelo dr. Rodolfo Engelhard,

prefeito municipal de Soure, um almoço típico marajoára ao ilustre visitante, sua exma. senhora, e sua comitiva.

Por cosião do almoço, foi ofertada aos visitantes uma camisa marajoára, tendo o Governador Janarí Nunes envergado a que lhe coube, durante toda a sua visita à cidade de Soure e seu certame pecuário.

PROVIDENCIA A SER MANTIDA

Um providência tomada pelo B.C.A., merecedora de elogios e de ser preservada e mantida, causou os mais favoráveis comentário e foi a seguinte:

O Banco de Crédito da Amazonia, por intermédio de um dos seus diretores presentes à Exposição, sr. Pinheiro, fez anunciar por intermédio do serviço de alto-falantes da Feira que o Banco de Crédito da Amazonia estava ali presente para financiar aos senhores criadores que desejassem adquirir qualquer reprodutor negociável, presente à Exposição, com empréstimos a juros módicos, concorrendo assim para a melhoria dos seus rebanhos e incremento a pecuária regional. Essa participação do BCA recebeu os mais francos aplausos de todos os presentes.



Ao alto: grupo de criadores, técnicos e visitantes da I.ª Exposição de Soure. Em baixo: após o churrasco realizado na aprazível chácara «Meu Sossêgo» baila-se o «Carimbó», dança regional, marajoára.

CAMPEÕES DA RAÇA NELORE

Campeão: **Parnazo**, Propriedade, Boulhosa e filhos.

Res. Campeão: **Darlan**, Fazendas Uberaba Ltda.

Melhor fêmea da raça: **Xandoca**, Propriedade, Boulhosa e Filhos.

Campeão Junior: **Fidalgo**, Propriedade, Dr. Domingos Nunes Acatauassú.

Res. Campeão Junior: **Diario**, Propriedade, Dr. Domingos Nunes Acatauassú.

CAMPEÕES DA RAÇA GIR

Campeão da Raça: **Guilherme**, propriedade, Fazenda Uberaba Ltda.

Melhor fêmea da raça: **Cabrita**, propriedade, Fazendas Uberaba Ltda.

Campeão Junior da raça: **Guilherme II**, propriedade, Fazendas Uberaba Ltda.

MESTIÇOS

Melhor conjunto de mestiços do ponto de vista racial, econômico e apresentação:

1.º prêmio — **162 - Duqueza; 161 - Rumba; 160 - Dama**, propriedade, Fernando e Raul Engelhard.

OUTROS ILUSTRES VISITANTES

No dia seguinte, em avião especial, desciam em Soure os comandantes da 1.ª Zona Aérea e da 8.ª Região Militar, Carlos Rodrigues Coelho e Eudoro Barcelos de Moraes, respectivamente.

RODEIO

Na tarde seguinte à inauguração, foi realizado um rodêio no campo de esportes do Reação Clube. Empolgante sob todos os aspectos agradou a todos, principalmente quando os vaqueiros se exibiram montando touros bravios. Dois aviões, um de propriedade do sr. Pantera, outro do sr. Armando Morelli, faziam acrobacias sobre o local, deixando cair boletins com os seguintes dizeres: "A Cooperativa da Indústria Pecuária do Pará Ltda., "Socipe", rende sua homenagem aos organizadores da 1.ª Exposição Feira Regional de Pecuária de Soure, e saúda os pecuaristas paraenses".

CHURRASCO E CARIMBÓ

O sr. Tocantins Pena, proprietário do retiro "Meu Sossêgo", ofereceu a quantos estiveram presentes aos festejos da Primeira Exposição Regional de Pecuária, um churrasco acompanhado de danças típicas, entre os quais o "carimbó", que lembra as aldeias africanas, por sua toada monótona.

Constituiu o "carimbó" um grande espetáculo, tendo participado dele pessoas de Belém,

que acompanharam o ritmo bamboleante da batucada.

FILMES DO CONSULADO AMERICANO

Mr. George Colman, consul dos Estados Unidos, em nosso Estado, também quis emprestar sua colaboração ao certame, fazendo exhibir no local da Exposição filmes educativos.

A ENTREGA DOS PREMIOS

Com a presença de altas autoridades e numerosa assistência, inclusive de expositores e criadores, teve lugar a entrega de prêmios, no último dia de oertame, no recinto, após um desfile final dos animais premiados.

Usou naquela ocasião da palavra o deputado Libero Luxardo, que enalteceu o feito da Com. Organizadora, e dos srs. Fazendeiros que cooperaram, para pudesse ser vista uma demonstração — tão bela e magnífica — de trabalho, na Ilha de Marajó.

UM MERECIDO DESTAQUE

E' grato dever nosso, realçar e elogiar o trabalho eficiente do dr. Edmundo Batista Miranda, inspector regional do Fomento Animal do Ministério da Agricultura. Este funcionário com seu dedicado trabalho, presta elevadissima soma de serviços à pecuária da Ilha de Marajó, do Pará e assim sendo, do seu País.

Os fazendeiros de Pará, estão de parabens, pois que podem contar com o auxilio de um funcionário eficiente e dedicado. Esses parabens devem ser extensivos ao dr. Jorge de Abreu, digno diretor do Departamento da Produção Animal.

ANIMAIS INSCRITOS: 212

Raça Nelore	57
» Guzerá	4
» Gir	38
» Indubrasil	23
Mesti. Nelore	20
» Guzerá	16
» Gir	26
» Indubrasil	10
Raça Européias	8
Mest. Européias	2
Diversas	8

TOTAL 212

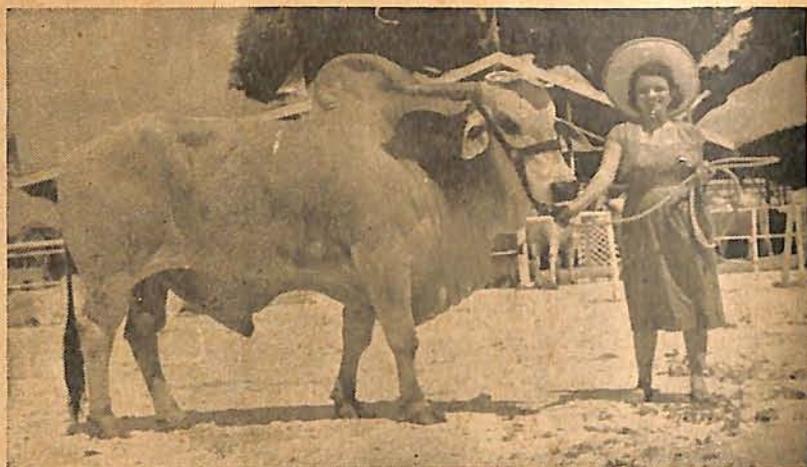
ANIMAIS CLASSIFICADOS E

JULGADOS 197

Em baixo e á direita, o
reprodutor Nelore

PARNASO

Campeão de sua raça na I.^o
Exposição-Feira Pecuária em
Soure, nesta última seguro ao
cabresto pela sra.
José Boulhosa.



FAZENDA MENINO JESUS

GRANDE CRIAÇÃO E SELEÇÃO DE
GADO ZEBÚ DA RAÇA NELORE A'
MARGEM DO RIO ARARI,
NO MUNICIPIO DE
PONTA DAS PEDRAS

(ILHA DE MARAJÓ)



— Enderêço do Criador —

Avenida Independência, 502 - Belém - Pa.

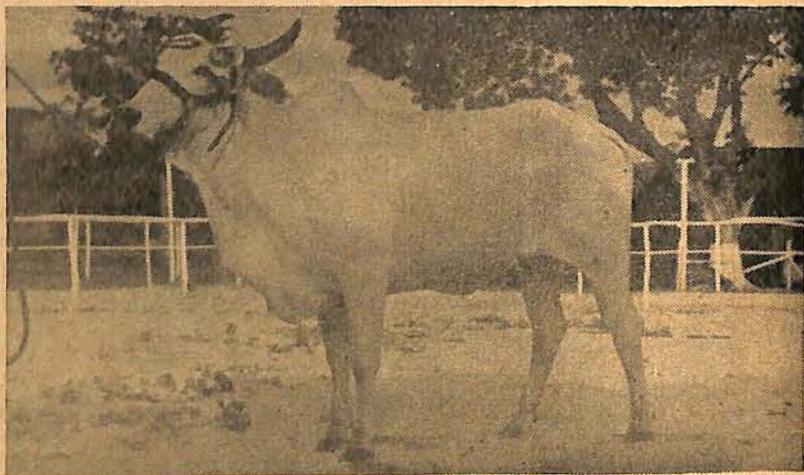
Boulhosa & Filhos

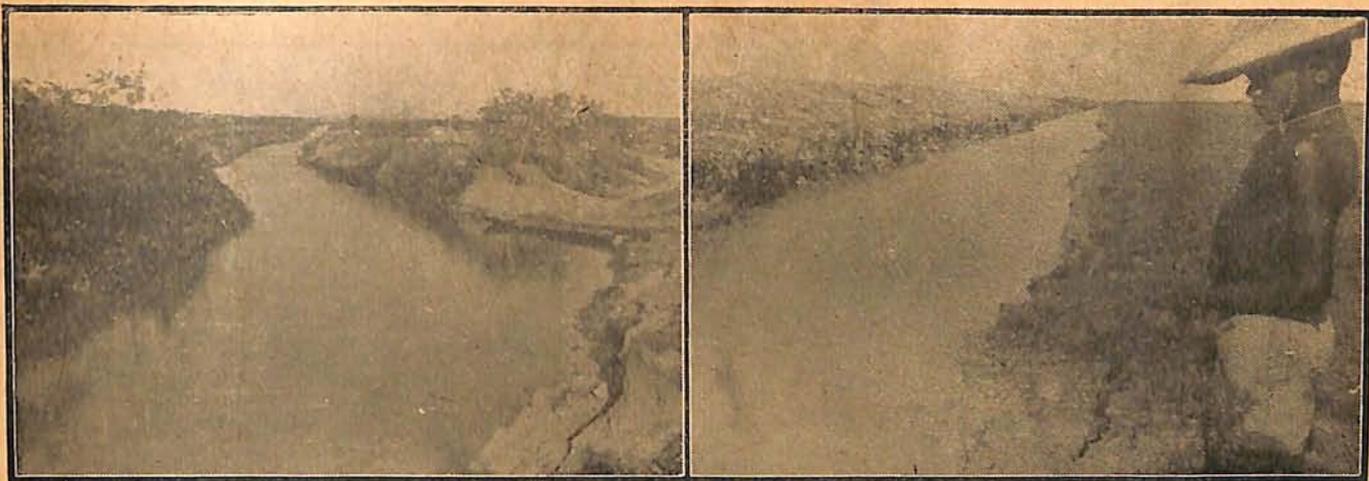


A' direita: a reprodutora
da Raça Nelore:

XANDÓCA

Campeã do mesmo certame
da Ilha do Marajó, sendo 1.^o
prêmio de sua categoria.



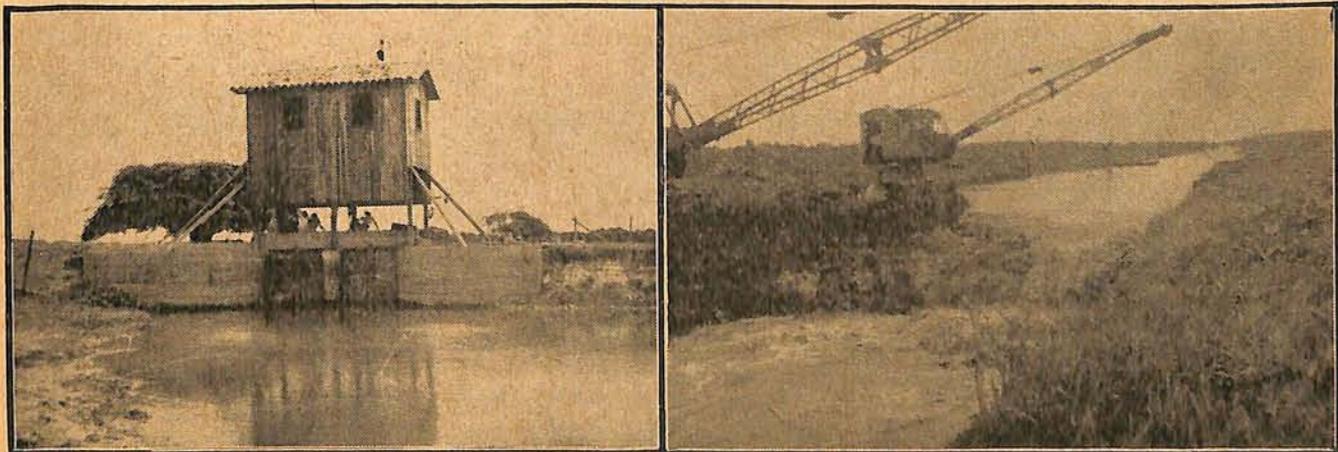


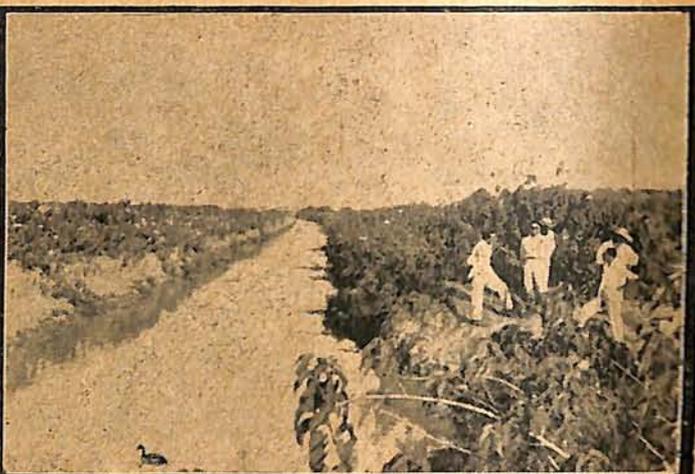
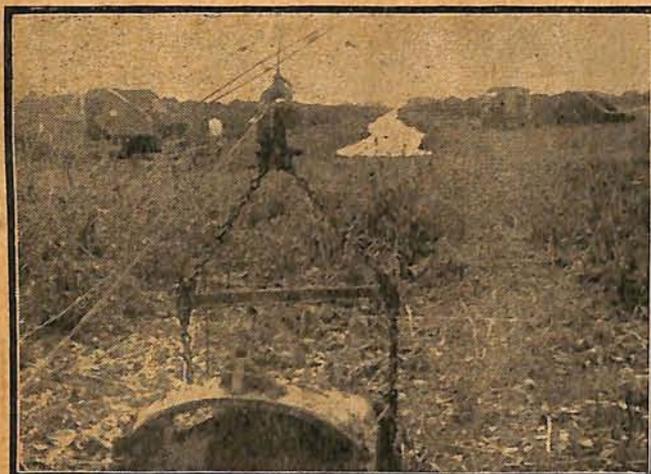
Nas fotografias acima, podemos apresentar dois aspectos dos grandes serviços executados pelo 2.º Distrito do Departamento de Portos, Rios e Canais, na Ilha do Marajó. Estes são aspectos do grande canal de Mocoões, ao qual fazemos referências, no relato que estes aspectos fotográficos estão ilustrando.

A Ação do 2.º Distrito de Portos, Rios e Canais, na Ilha do Marajó

(Texto á página seguinte)

No aspecto da esquerda, podemos apreciar uma das pequenas represas construídas na Ilha do Marajó, pelo 2.º Distrito do Departamento de Portos, Rios e Canais. Na foto da direita, as suas máquinas em pleno trabalho de construção de um dos numerosos canais que ali se tem aberto, um eficiente serviço.





Vemos, á esquerda, maquinismos do 2.º Distrito do Departamento de Portos, Rios e Canais, em Marajó, trabalhando na abertura de um canal de escoamento, entre dois braços de cursos d'água. A' direita, outro desses canais já concluídos, prestando um relevante serviço á regularização dos cursos d'água daquela região.

CONCEDEDOR profundo dos assuntos e problemas relacionados com as necessidades e desenvolvimento da bacia amazonica, o dr. Acrísio Fúlvio de Miranda Corrêa foi, em boa hora, investido das funções de diretor do 2.º Distrito do Dep. Nacional de Portos, Rios e Canais, sediado em Belém, capital do Estado do Pará.

A sua atuação á frente de sub-departamento como esse, interessando de perto á solução do principal problema marajoára, que é regular e atenuar os efeitos contraditórios das sêcas e enchentes, em uma região de regime torrencial como o é a Ilha de Marajó, se tem caracterizado por um trabalho ininterrupto e constante, lutando embora com as deficiências de material e de dotações orçamentárias á altura da obra grandiosa que começou a executar e para a qual planeja, como veremos a seguir, uma conclusão capaz de transformar a região marajoára em um novo Eldorado de produção.

Para não nos alongarmos em considerações que não exprimiriam melhor que o seu acervo de realizações ou o seu plano de recuperação da Ilha de Marajó, ousada, competente e técnica esplanção de uma obra gigantesca e patriótica, passemos a enumerar algumas das realizações que levou a efeito, a partir de 1950, em beneficio do saneamento e melhoramento das suas condições de vida e de produção:

“As opiniões de técnicos de indiscutível valor são por demais concludentes para que não tivéssemos dúvida de que seriam eficientes os serviços de limpeza de desobstrução dos rios e

igarapês de Marajó, independentemente de quaisquer estudos prévios:

Foram os seguintes os rios beneficiados, com aqueles serviços:

RIO SÃO JOSÉ: — E' um dos grandes afluentes do rio Arari, pela sua margem direita, atravessando zonas de mata rala e extensos campos pastorís. Constitue ainda um bebedouro de primeira ordem para o gado das zonas que ele atravessa. E' o rio que permite o trânsito de todos os habitantes da região do Anajá que por êle trafegam na época das chuvas. Nunca havia sido limpo anteriormente e se encontrava completamente obstruído. Encontrámos em sua extensão vestígios de dez tapagens feitas por fazendeiros. Nosso serviço, feito a braço, constituiu no desmatamento duma área de 180.000 m² e no eventualmente de 120.000²,

RIO JACARÉ: — Afluente do rio Anajás-Miri, pela margem esquerda. Rio de grande importância em relação á sua ligação ao Anajás-Miri o que mais abaixo detalharemos. Os campos atravessados pelo rio Jacaré são considerados como os mais apropriados á criação da Ilha de Marajó. A sua capacidade de escoamento ficou tão aumentada que, após as chuvas, motores e pequenas lanchas, que por êle trafegam, com dificuldade conseguem vencer a sua forte correnteza. Nesse rio realizamos a roçagem e desmatamento de 50.000 m² e 160.000 m² de área desobstruída.

RIO ABAÍ-CARACARÁ: — Um dos principais escoadouros das águas pluvias do Marajó. Desa-

gua na baía do Marajó entre os rios Arari e Camará. E' o rio Caracará relativamente curto, sendo todavia o seu afluente Abai um rio longo e que atravessa extensas regiões de campos. Percorre também uma região onde está bem desenvolvida a agricultura e é, por essa razão, de grande importância para o abastecimento do município de Arariúna, cuja séde dele se recorre. Procedemos aos seguintes serviços: 130.000 m² de área desmatada e 200.000 m² de área desobstruída.

RIO MATA-FOME: — E' outro rio cujo leito será aproveitado na ligação que estamos fazendo com a abertura do canal ligando o Arari ao Mocoões. Atravessa campos de pastagem e é um dos afluentes do Mocoões, tronco da referida ligação. Nele executamos serviços numa área de 52.000 m² de desmatção e 10.000 m² de desobstrução.

RIO ARARÍ: — Realizamos neste rio os serviços de roçagem de suas margens com o objetivo de melhorar as condições de navegação, isto porque, sendo muito intensa, e possuindo curvas muito acentuadas, a visibilidade dos pilotos era muito difícil, havendo o perigo de abalroamentos cujas consequências poderiam ser funestas. Os serviços atingiram uma área de 190.000 m². Na altura da fazenda Tujal há mais de 4 anos se encontrava caída uma gigantesca árvore impedindo quasi totalmente a navegação nesse local. Com o trator D-6 do Distrito, removemos esse perigoso obstáculo.

RIO ANAJÁS-MIRÍ: — Tronco de ligação do Mocoões ao Arari. Juntamente com os seus afluentes Jacaré, Cuieras, Marcos, etc., atravessa campos pastoris de primeira ordem sendo as

terras consideradas como as mais valorizadas da região. Fizemos apenas alguns serviços em suas cabeceiras numa área de 40.000 m².

Em resumo, fôram os seguintes os resultados dos serviços de limpeza e desobstrução em rios e igarapés da Ilha de Marajó, realizados em seis meses:

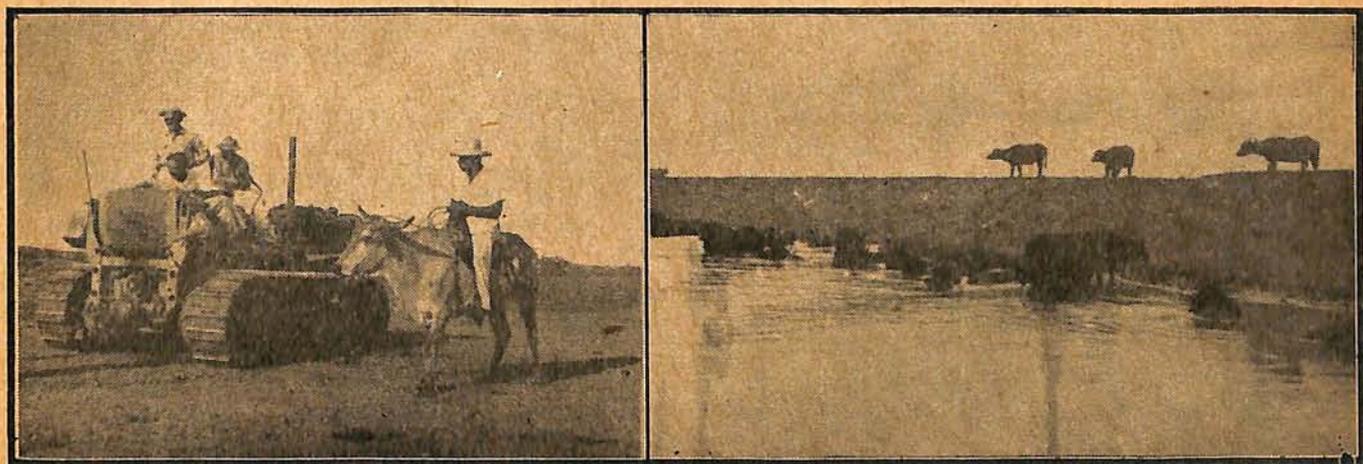
RIOS	Desmatção e Roçagem	Desobstrução
S. José	180.000 m ²	120.000 m ²
Jacaré	160.000	50.000
Abai-Caracará ...	130.000	200.000
Mata-Fome	52.000	10.000
Arari	190.000	—
Anajá-Miri	40.000	—
	752.000 m ²	380.000 m ²

DRAGAGEM DE RIOS E IGARAPÉS

Fôram realizadas, também, importantes dragagens em vários rios, visando rebaixar seus leitos a fim de dar maior capacidade de escoamento às águas represadas nas grandes baixas.

Com o auxilio das dragas "Inocência Bento", "Bento Miranda" e "Eng. Burlamaqui", realizamos os seguintes serviços:

No RIO JACARÉ: — Dragou-se para uma cota de 2^m,20, aproveitando a declividade natural do rio. Volume dragado de argila: 32.670 m³.



A' esquerda: curioso flagrante que nos apresenta, lado a lado, a tração a lombo de boi e a tração moderna do 2.º D. P. R. C., na Ilhado Marajó. A' direita, vemos numerosos búfalos, em pleno verão, aproveitando águas represadas por uma eclusa, serviço de cooperação do 2.º Distrito do Departamento de Portos, Rios e Canais, com os fazendeiros.

No RIO ANAJÁS-MIRÍ: — Foi dragado para uma cota de 2^m,30. Volume dragado de argila: 32.670 m³.

No RIO ARARÍ: — Em frente à cidade de Arariúna existiam pedreiras que constituíam grande embaraço à navegação. Tratando-se de arenito ferruginoso, de fácil desagregação, utilizou-se a draga de sucção e recalque "Inocência Bentes", obtendo-se resultados magníficos. O material desagregado foi depositado numa baixa existente.

a) — Extinção do Baixio do Araquicáua: — Realizados os estudos foi escolhido um dos braços, construindo-se duas barragens entre as três ilhas, à guiza de guia-corrente, provocando assim um aumento de velocidade no leito do braço escolhido, cujos resultados logo se fizeram sentir, sendo hoje, franca a navegação às embarcações que trafegam pelo Arari, desde a sua fôz até muito acima da cidade de Arariúna.

b) — Extinção das pedreiras do Moirim ou do Lucas: — do Lucas ou Moirim. Não dispondo o Distrito de equipamento adequado para proceder à retirada desse perigoso obstáculo à navegação, pois nem a sua destruição por meio de explosivos é aconselhada, em virtude das dificuldades que surgiriam para remoção do material desagregado, este Distrito resolveu, como medida de emergência, provocar o desvio do leito do rio, forçando a sua margem direita, onde as sondagens nos indicaram a não existência de pedras. Para isto procedeu-se ao desmatamento e destocamento de toda a curva ficando o terreno marginal, constituído de argila pouco consistente, sem elementos de fixação e dessa forma sujeito à erosão, o que já se está verificando à olhos vistos.

ABERTURA DE CANAIS

O 2.º Distrito de Portos, Rios e Canais, após acurados estudos feitos, que consistiram no levantamento topográfico e locação do eixo definitivo, realizou a abertura do canal de ligação do Anajás-Mirí ao rio Mocoões, através do rio Jacaré até atingir o Mata-Fome, afluente do Mocoões. Os serviços foram executados por três "drag-lines" e um trator D-6, como auxiliar, visando com a abertura desse canal, a drenagem das águas acumuladas nas estensas baixas das fazendas Desterro e S. Marçal, que se transformavam, por ocasião da quadra invernos, em verdadeiros chavascals.

Fôram excavados cerca de 8.000 metros, em extensão, tendo sido o volume excavado, em mais de 100.000 metros cúbicos, dispôstos ao longo de suas margens, em taludes que permitem, por ocasião das cheias, que o gado aí permaneça,

sem sofrer os danos dos atolamentos e, bem assim, servirão também para que o gado possa se criar, evitando a grande mortandade que se vinha verificando nestes últimos anos. Esse canal aberto em pleno campo está com 9 metros de largura e 3 de profundidade, e, tem 17 a 18 quilômetros de extensão. A sua conclusão teve lugar quando foi também construída uma pequena colusa na boca do rio Jnsaré represar a água do canal, formando dessa maneira um imenso bebedouro artificial de primeira ordem. As vantagens advindas com a abertura do canal Anajás-Mocoões, já estão evidenciadas pelas magníficas pastagens que os campos, antes inteiramente alagados, atualmente apresentam. O sistema de transporte para as longinhas fazendas também sofreu radical transformação para melhor, por êle já trafegando pequenas lanchas que levam, a reboque, canoas que, antes, deslizavam no chavascal, como trenós, puxadas por juntas de bois. As fotografias que ilustram o presente relatório dão uma idéia do que aqui vai descrito.

Muitos canais de ligação serão ainda abertos, porém o reduzido equipamento mecanizado não permite encetar vários serviços, simultaneamente.

Um deles, e de grande importância, é o que liga o rio Anabijú ao Marajó-assú. Este serviço foi executado em 1951. Outro, de não menor importância, cuja abertura foi preconizada pelo engenheiro Gomes de Oliveira em 1874, é o de ligação ao lago Arari ao extremo norte da ilha, através os rios Apei e Arapixí.

COOPERAÇÃO COM OS FAZENDEIROS E RECUPERAÇÃO DOS CAMPOS DE CRIAÇÃO

Nesse particular, preferimos transcrever a exposição do dr. Acrisio Fúlvio de Miranda Corrêa, em um dos seus últimos relatórios:

"Já tivemos oportunidade de fazer referência neste relatório, quando abordamos a orientação dada aos serviços da Ilha de Marajó, que era nosso objetivo imediato, a fim de minorar os efeitos angustiosos das sêcas e das inundações, cooperar com os fazendeiros, dentro de nossas possibilidades, para que, desde logo, fossem sendo parcialmente beneficiados, até que surgisse o plano definitivo de todo o problema da ilha que viria a ser elaborado.

"Para melhor assimilarmos o valor dessa medida, em boa hora determinada e já em plena execução na grande ilha de Marajó, pelo 2.º Distrito de Portos, Rios e Canais, com caráter de íntima colaboração e imediata assistência aos esforços e sacrifícios que fazem os fazendeiros para resistir às inclemências da natureza, deve-

mos ter bem claro em nossas mentes, os problemas agro-pecuários da ilha de Joanes, no que diz respeito ao controle de suas águas.

“Estudemos, assim, esses problemas, em seus pontos mais em evidência:

“A) — Natureza do sólo. — Regime fluvial.

“A ilha de Marajó, tendo sólo argiloso, com raríssimos lençóis de areia, constitui sério problema para o escoamento das águas pluviais, com alturas pluviométricas excessivas em determinadas épocas do ano, resultando que os rios marajoáras, quando não estão sujeitos à influência das marés e têm regime de caudal, secando seus leitos, assim que se inicia o período da estiagem. Ficam, apenas, como reservas naturais, as águas das chuvas torrenciais depositadas nas grandes baixadas. Sendo insuficientes os escoadouros, insuficiência essa ainda mais acentuada pelas “tapagens”, já referenciadas, não há viação imediata para as águas das chuvas resultando as inundações periódicas, por vezes muito prolongadas.

“B) — Consequência de estio ou invernia, prolongada.

1.º — O período chuvoso, quando muito prolongado ocasiona aos fazendeiros os seguintes males:

- a) — Inundação de grandes áreas de suas fazendas, reduzindo a capacidade pastoril de mais de 50%;
- b) — Apodrecimento das pastagens submersas, com fermentação e poluição das águas;
- c) — Dificuldade de transportes terrestres e de locomoção dos rebanhos para os pontos de embarque;
- d) — Enfraquecimento do gado de um modo geral;
- e) — Mortandade elevada dos mamotes;
- f) — Redução das pastagens pelo acúmulo de gado bovino e cavalos nos campos altos, têsos e ilhas;
- g) — Mortandade elevada, causada por répteis, que também se refugiam nos têsos.

2.º — Quando o verão é muito prolongado os fazendeiros são obrigados a enfrentar os seguintes problemas:

- a) — Dispersão total do gado que é obrigado a caminhar dezenas de léguas em busca de água;
- b) — Enfraquecimento do gado pela diminuição do pasto, pelo acúmulo de animais, pela queima dos campos, pela falta d'água, pelas longas

caminhadas, dos pontos de pastagens aos bebedouros, e vice versa;

c) — Mortandade calamitosa pelo aparecimento de atoleiros nos bebedouros, em virtude da seca rápida dos depósitos naturais e dos rios, salvo nos sujeitos ao fluxo das marés, quando suas margens são de terreno sólido.

3.º — Transição entre inverno e verão.

“Nesta parte do ano o gado é assolado pelas pragas — carapanãs — enfraquecendo em virtude não poder repousar, sendo vítimas de desintéria provocada pelo pasto novo ou pela cinza oriunda da queima dos campos.

“A orientação, pois, dada aos trabalhos atuais, era a única que, de fato, iria de encontro às verdadeiras necessidades dos fazendeiros, resolvendo, em parte, o importante problema. Foram estabelecidas as seguintes medidas de auxílio aos fazendeiros postas em prática no período de setembro a dezembro, época em que algumas de nossas máquinas se encontravam disponíveis.

- a) — Construção de pequenas represas para o armazenamento de água para o gado;
- b) — Construção de rampas — ou escavações — com o mesmo fim, porém, nas regiões altas, onde não existam rios ou igarapés, assim como nas proximidades dos currais e casas, a fim de facilitar a domesticidade do gado leiteiro;
- c) — Construção de atêrros — marombas — para abrigos de gado, nas regiões de grandes inundações ou nas sédes e retiros de fazendas, a fim de facilitar o trato de gado manso, do serviço de vacarias, ou ainda, permitir a criação de aves domésticas.

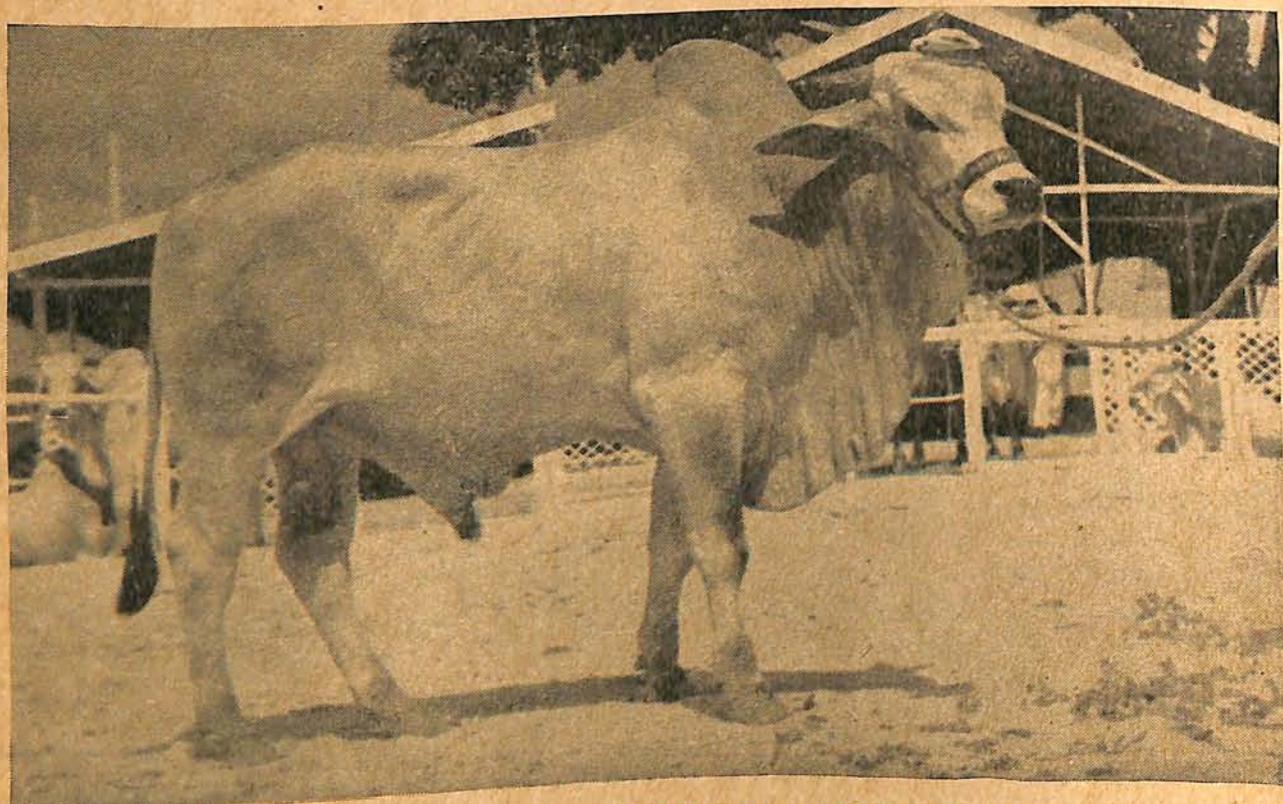
“Dentro desse plano de auxílio realizou-se a perfuração de poços artesianos para abastecimento de água potável às fazendas, ranchos e retiros”.

E, como se vê, dentro desse plano, não são poucas, hoje, na Ilha de Marajó, os fazendeiros que têm sido auxiliados pelo D.N.P.R.C., com a construção de represas, de rampas, atêrros, de proteção, abrigos etc., isso sem contar os inúmeros e frequentes pequenos serviços prestados, pelos quais o dr. Acrísio Fúlvio de Miranda Corrêa tem recebido as mais convincentes provas de reconhecimento, por parte de indistintos elementos da agricultura e da pecuária marajoára.

Fazenda DUNAS

CRIAÇÃO DE ZEBUINOS DA RAÇA NELORE
— COM UM CAPRICHOSO PANTEL DE SELEÇÃO —

Município de SOURE
ILHA DO MARAJÓ — PARÁ



Acima: o reprodutor da Raça Nelore DARLAN, 1.º prêmio de sua categoria e Res.
Campeão da 1.ª Exposição-Feira Pecuária de Soure, em Agosto último.

PROPRIEDADE DE

Eurico de Almeida Cavalcanti

Rua Rui Barbosa, 756 — BELÉM — Est. do Pará

DATAM da chegada dos jesuítas ao estuário do Grande Rio, as primeiras experiências de criação bovina na ilha de Marajó. Segundo os doutos, tiveram início sob Francisco Caldeira de Castelo Branco, antes mesmo de Pedro Teixeira subir a calha prodigiosa, na viagem inolvidável. A par com a catequese do selvícola, a Companhia de Jesus determinava o lançamento das bases do poder econômico. Lançadas essas bases, a criação bovina desenvolveu-se, cresceu, atingindo, no seu apogeu, pelo século passado, cerca de 22.000 quilômetros quadrados de campos pastoris, dos 39.000 quilômetros quadrados da superfície total da ilha. Hoje, porém, o que se apresenta ao observador é a decadência. Nas seiscentas, entre grandes e pequenas, fazendas de criação da ilha de Marajó, os rebanhos não ultrapassam 600.000 cabeças, e apenas produzem o rendimento anual de 10% de gado de corte; o mais baixo conceito no Brasil! Doloroso pauperismo, o da população vacum de Marajó! Como explicá-lo? De formação recente, apresenta o solo da ilha dois aspectos distintos, que já assinalava a autoridade de Ferreira Pena: "terras altas, a zona dos "tesos", nas margens banhadas pelo Oceano; e aluvionais, invadidas periodicamente pelas águas, na região que o Tocantins e, principalmente, o Amazônas trabalham". Aí, o rio "carcome montanhas, desbasta várzeas, desmorona falejos, corróe barrancos, e èle mesmo, com o poder extraordinário construtor de suas energias, levanta barragens, soergue ilhas e vai em sua marcha vitoriosa rompendo diretrizes no seu dispositivo longitudinal até a base de nível".

Sujeito a essa tremenda condição, que antes destrói do que constrói, o território dos campos de criação da ilha, submetido a um regime de águas de particular inconstância, talvez o mais estranho do mundo, as cheias e vazantes do Amazônia determinam nela inundações e secas gravemente prejudiciais à população bovina, que oneram com pesadas imposições. São como a sistole e diástole de um organismo enfermo. E de ano para ano, agrava-se cada vês mais a situação, não obstante os serviços que aí realiza o 2.º Distrito de Portos, Rios e Canais. Estes, contudo, para resultarem positivos, eficientes, reclamam escala muito mais ampla e dinâmica do que aquela em vêm sendo conduzidos. Já o

NESTAS páginas apresentamos um magnífico plano de recuperação da Ilha do Marajó, elaborado pela 2.ª Divisão do Dep. Nacional de Portos, Rios e Canais, sob a direção do ilustre engenheiro, dr. Acrísio Fúlvio de Miranda Corrêa, como complementação dos seus trabalhos e de suas iniciativas á frente daquele importante sub-departamento federal, em Belém — Pará.

Recuperação da Ilha do Marajó

mestre referido, doutrinava, nos dias remotos de 1875:

"Sujeitos constantemente à ação de agentes internos e externos não podem deixar todos os terrenos de sofrer um trabalho contínuo de formação que a indústria humana algumas vês pode dirigir, porém, jamais embarçar."

"O Amazônas, pois, deveria necessariamente com suas gigantescas correntezas exercer uma mui considerável força contra qualquer permanência de forma de suas margens e leito; mas, juntando-se as do Amazônas, as do poderoso Tocantins muito maior será sem dúvida o seu efeito e facilmente se poderá compreender o pouco que a êste respeito se deveria dizer."

"Visitando o professor Agassis, uma parte da costa Sul do Marajó, observou que o terreno dêsses lugares era todo da mesma formação, contestura e composição que os da costa que corre da cidade de Belém até Salinas, o que bem indicava que o Amazônas e Tocantins, ou somente êste último, haviam aberto o canal grande que hoje se observa entre aquela costa e a do Pará."

"Esta identidade de terrenos, que se observa entre a costa Sul da Ilha e os de Salinas, já não existe entre os daquela costa e os do N. da mesma ilha, que são de aluvião muito mais recente e tudo indica que em outros tempos existira um grande canal entre estas duas partes da ilha, hoje ocupada pelos mondongos, Cururú, Tartarugas e baixas que se estendem ao Sul até o Lago Grande do Arari, da mesma maneira porque hoje se encontra o canal entre as ilhas da Mexiana e Caviana, e tantos outros do delta do Amazônas, que muitas vês se vêm obstruídos e reduzidos a campinas, separava em duas a última das referidas ilhas, a Caviana; obstruído, como tudo nos indica êste grande canal do Marajó, difíceis se tornaram os escoamentos de tantos e tão baixos terrenos que si se formaram e bem assim o daquêles que NS das mesmas baixas faziam seus escoamentos pelo dito canal; aos muitos cuidados dos fazendeiros que, em tempo de grande abundância de cavalos em Marajó, constantemente aí trabalhavam gado, para na melhor oportunidade de queimar a espessa vegetação de capim e outras plantas, se devia então principalmente não só a limpeza e aproveitamento destas grandes extensões, como também a fácil evaporação das águas pela ação direta

do sol; pois que então todas as que ai se dirigiam antes mesmo de alcançar o Tartarugas e outros esgotos, menos fáceis, já tinham desaparecido pela evaporação, evitando por esta forma que as chuvas de um primeiro aguaceiro cumulassem toda a sua massa com as de sucessivos outros, pelo modo porque hoje se vê ter lugar, privadas como estão da ação direta do sol, pelas grandes acumulações de vegetais que, além disso, embaraçam o movimento das águas na direção dos mesmos esgotos, que dia a dia, se vão obstruindo mais”.

Dizia ainda Ferreira Pena:

“Quando as baixas ocupam grande extensão das campinas e são cheias de atoleiros, de ordinário ocultos sob a espessura de plantas palustres, como o Mururé e a Canarana, os Pirizais, o povo denomina de “MONDONGO”. Dá-se, porém especialmente êste nome a um extensíssimo pantanal que, distando da costa Norte dez a doze milhas, prolonga-se de O. a E., desde as cabeceiras do rio Cururú até muito perto da costa oriental.”

“Contém em seu seio atoleiros formidáveis, alguns pequenos, diversas ilhas e sobretudo infinitas plantas palustres, principalmente (*Caladium arbores*) e tábuas ou perys, por entre os quais se arrastam milhões de répteis que tornam perigosa a aproximação daquelas solidões. Esta imensa baixa, segundo se pôde concluir da disposição do seu solo, da direção que se segue e da situação da ilha, parece ter sido na antiguidade um braço ou paraná-mirim do Amazonas; e o Cururú, que hoje se escoia para o Oeste, como na margem direita do Anajás de que é afluente, correria então em rumo oposto, constituindo aquêlê braço ou canal, ora inteiramente obstruído.”

“Os mondongos recolhem no princípio do inverno uma grande parte das águas pluviais; mas enchendo-se rapidamente começam a extravazar-se pelos seus escoadouros naturais. Êstes são os rios Tartarugas, já obstruído; o Ganhoão e Arapyxy, que vão para o Norte; o Cururú, que vai para Oeste; o Mocoões também afluente pela direita do Anajás, que toma o rumo de SO e enfim, o Genipapoçú e em parte o Apehy — afluentes principais do lago Arari, margem esquerda, que descem êste NS e aquêlê de NE e SO, confundindo ambas as margens, digo, águas, no lago referido.”

O problema, secular, absorvente, não poderá ser enfrentado, em definitivo, com os reduzidos recursos disponíveis. As obras até o presente executadas valem mais do que tudo por uma experiência, um testemunho do que pode ser feito. O objetivo — o equilíbrio entre as prolongadas estiagens e as fortes invernações — está provado, pode ser conseguido. Mas, para alcançá-lo, é mister proporcionar aos serviços, recursos em maior escala, especialmente no que se entende

com equipamentos técnicos, como sucedeu, por exemplo na Baixada Fluminense, o padrão, pelo tempo “record” e altos resultados colhidos das realizações da espécie, no país. Na baixada Fluminense, para exemplificar, se a engenharia brasileira poudé deixar uma marca que dignifica e enobrece, fê-lo com armadura mecanizada correspondente a quasi quinze vêsês àquela atualmente em emprego na ilha de Marajó. E a área a atacar, aqui, é duas vêsês maior!

O abastecimento alimentar de Belém depende, imperativamente, da recuperação da ilha de Marajó. O mercado consumidor da capital paraense não pode contar com os pequenos rebanhos dos municípios do Baixo Amazonas, pouco mais do que auto-suficientes, e nêsse pouco, mais comprometidos com a cidade de Manaus, no Amazonas, mais próxima e, portanto, com condições de frete mais acessíveis.

Dai porque a capital paraense — triste é dizê-lo! — vive presentemente na dependência de gado abatido importado por via aérea de Goiás. Belém exige, para seu abastecimento de carne, em uma estimativa otimista, cerca de mil cabeças de gado por ano. A ilha de Marajó, como acima ficou dito, poderia contribuir com 70.000 cabeças anuais, não fossem os desfalques imprevisíveis das epizootias, ocasionadas muitas vêsês pelas próprias inundações. Como encontrar os meios para cobrir o “deficit”, sem recorrer à anti-econômica importação por via aérea? A resposta é uma só: na recuperação da ilha de Marajó, cujo território pastoril, liberado das inundações, permitirá a localização de um rebanho de dois milhões.

Para alcançar a finalidade, planeja o 2.º Distrito de Portos, Rios e Canais:

Visando melhor distribuição dos trabalhos, divisão da ilha de Marajó em cinco zonas, escolhidas de acôrdo com a bacia hidrográfica dos principais escoadouros; cada zona seria administrada por uma Residência cuja séde seria a principal cidade localizada na área compreendida pela divisão feita. A planta da ilha de Marajó que vai anexada nos mostra como foi procedida essa divisão bem assim os limites de cada Residência.

As 5 Residências seriam as seguintes:

- 1.ª Residência — Central — com séde em Arariúna;
- 2.ª Residência — séde em Soure.
- 3.ª Residência — séde em Afuá.
- 4.ª Residência — séde em Anajás.
- 5.ª Residência — séde em Muaná.

A 1.ª Residência, localizada na cidade de Arariúna, séde da atual Administração dos serviços que vem sendo realizados no Marajó, ficaria com a supervisão de todas as demais residências e diretamente subordinada à Chefia do

Distrito, em Belém. Nela já se encontram instaladas oficinas mecânicas, carreiras para embarcações, almoxarifado, ambulatório, etc. Além dos serviços de controle das demais zonas, ficariam a seu encargo os serviços de limpeza, desobstrução, retificação dos seguintes escoadouros: ria Arari, Marajó-assú, Caracará, da Fábrica, Genipapoçú, Apeí, Anajás-Mirim, Lago Arari, Guajará, Goiapi e parte do Mocoões, seus afluentes e sub-afluentes, bem assim todos os pequenos rios e igarapés, sem denominação e que se escoam no litoral.

A 2.^a Residência teria por séde a cidade de Soure, ficando a seu encargo os serviços de limpeza e desobstrução dos escoadouros principais: Chipaiá, Urubuquara, Cururú, Siriri, Pará-Pará, Muruiuntuba e outros.

A 3.^a Residência teria a sua séde localizada em Afuá e ficaria com os encargos sôbre os seguintes rios: Ganhoão, Juncal Cururú, Jurupucu, Jurara, Canárias, Charapucú, Cajuúna, Afuá, Arapixi, Egito, Apeí, Rego Grande do Alcapão, igarapés S. João do Monte e seus afluentes e demais escoadouros.

A 4.^a Residência seria sediada em Anajás e abrangeria a região chamada das "Ilhas", sendo seus escoadouros mais importante: o Charapucú, Canapucú, Guajará, Mocoões, Anajás, Trairacanga, Marú, com seus afluentes, sub-afluentes, furos e paranás.

A 5.^a Residência, sediada em Muaná, exerceria sua área de serviços sôbre o rio Anabijú, Cnaticú, Piriá, Mutuaca, Guajarú, Pracuúba, Afuá e seus afluentes, furos e paranás.

Em todas as Residências acima esquematizadas, os trabalhos a levar a termo são de imenso vulto e impressionante porte, correspondendo, sem exagero, à retificação de todo o sistema hidrográfico da Ilha de Marajó, com o eixo no lago Arari, e não apenas pela limpeza e desobstrução dos leitos dos rios, paranás e lagos que a vegetação condenou à existência perniciosa de pântanos, como pela abertura de centenas de milhas de canais de drenagem e escoadouros artificiais outros; pela vinculação de certos rios e paranás a outros de calhas mais profundamente cavadas, possibilitando, por isso, a descida mais fácil das águas retidas; pela construção de barreiras e represas, de eclusas e açudes; e muitas outras obras por todo o território insular, inclusive a destruição da vegetação prejudicial, — o pirizal, a arumarana, o algodão brabo, o junco, a aninga, nas baixadas; e o mundubi brabo, o murici, a carrobeira, nas capoeiras das terras altas.

Não ignoramos que a tarefa a cumprir é gigantesca. Mas, como já assinalamos em nosso Relatório referente a 1950 "altamente compensadora nos resultados que promete. Como dissemos acima é um verdadeiro império insular

que se aniquila e que cumpre resguardar para o Brasil". De início, há a imperativa necessidade de estudos e planejamentos ainda por concluir, e para os quais já obtivemos da Direção Geral do Departamento Nacional de Portos, Rios e Canais, meios permitindo o emprego, inclusive, da contribuição de levantamentos aéro-fotogramétricos, pela primeira vez realizados na Amazônia.

Já ensinava o ilustre mestre Van Hoof:

"Um projeto dos meios para diminuir as inundações da ilha de Marajó deve ser precedido de um estudo sério para se conhecer:

1.^o — O débito atual dos rios;

2.^o — A quantidade de água a escoar a fim de assegurar que o nível das águas de inverno não exceda uma certa cota, da maneira a tornar-se prejudicial à indústria pastoril;

3.^o — As diferenças de nível entre o pleno mar, as diferentes partes da ilha, e o nível das maiores águas na parte inundada".

Assim exposta, em linhas gerais, — como o impõe a carência de tempo com que é elaborado o presente trabalho, — a questão a que nos propuzemos, juntamos um quadro geral dos equipamentos mecanizados e outros julgados indispensáveis ao plano de recuperação da ilha de Marajó e as tabelas organizadas para os diferentes serviços. Dêsse estudo, poderemos apresentar, por estimativa, as seguintes cifras necessárias ao plano geral de recuperação da ilha de Marajó:

Aquisição dos equipamentos relacionados no quadro anexo	120.000.000,00
Pessoal	80.000.000,00
Instalações de Residências, casas operárias, oficinas mecânicas, carreiras para embarcações, etc.	25.000.000,00
Combustíveis, óleos lubrificantes, etc.	50.000.000,00
Custeio dos serviços, manutenção do material ..	25.000.000,00
	<hr/>
	Cr\$ 300.000.000,00

Sendo de 22.000 quilômetros quadrados a área a ser recuperada e estimando-se a despesa total de recuperação em Cr\$ 300.000.000,00, teremos uma despesa de Cr\$ 13.680,00, por cada quilômetro quadrado, de campo recuperado. Comparando-se essa cifra com a que foi conseguida na recuperação da Baixada Fluminense, nota-se um sensível saldo favorável aos serviços do Marajó, isto sem levar em consideração a época em que àquêles foram realizados e as facilidades encontradas — maior proximidade com os centros fornecedores e menor dificuldade no transporte de material.



A senhora Heronides de Albuquerque Acatauassú, ao receber a Taça «Sociedade Rural do Triângulo Mineiro», conferida ao Campeão Jr. da Raça Nelore.

FAZENDA

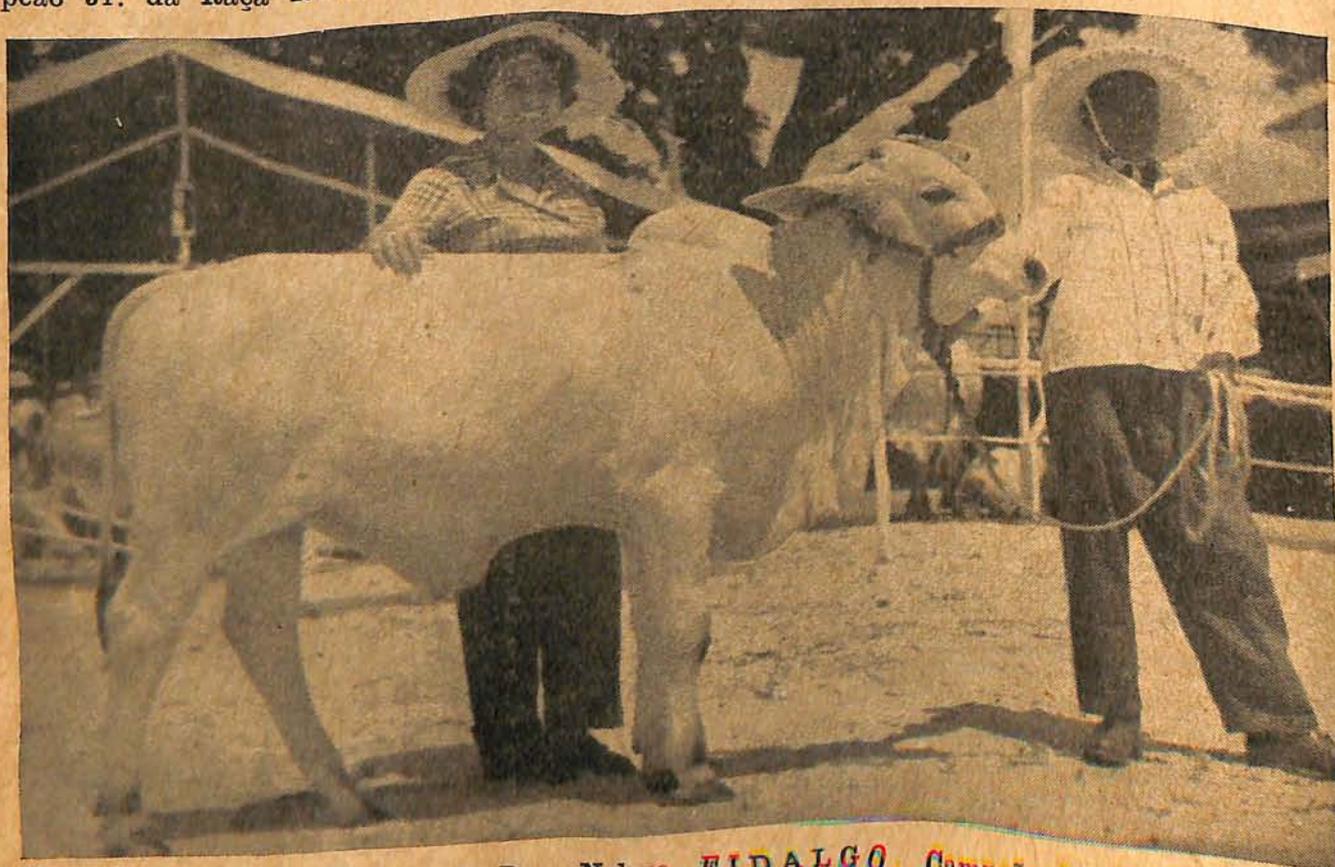
São Lourenço

CRIAÇÃO APRIMORADA DE GADO INDIANO DA RAÇA NELORE, SITUADA NO MUNICIPIO DE

S O U R E

ILHA DO MARAJÓ

Estado do Pará



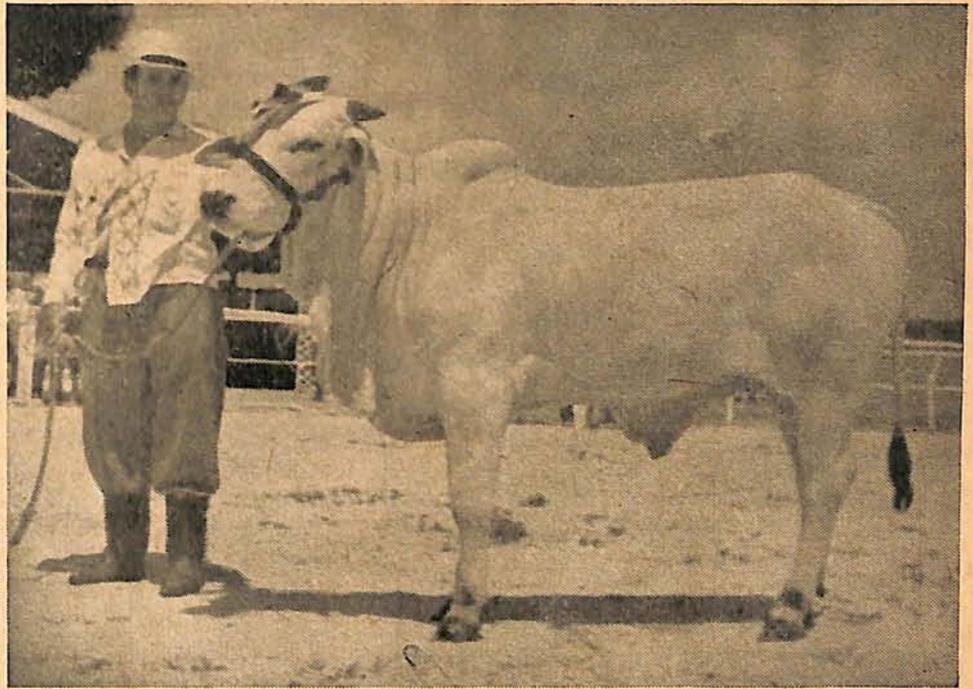
Acima: o excelente garrote da Raça Nelore **FIDALGO, Campeão Jr.** do recente certame de Soure, fotografado ao lado da senhora **do dr. Domingos Nunes Acatauassú**, criador e seu proprietário, o qual, com **ele, levantou** a taça conferida pela S. R. T. M. ao «melhor espécime **campeão**, nascido no município de Soure».



Ao lado: outro dos
excelentes garrotes do
plantel:

DIARIO

2.º prêmio da catego-
ria do Campeão Jr. e
Vice-Campeão Júnior.



— PROPRIEDADE DO DR. —

Domingos Nunes Acatavassú

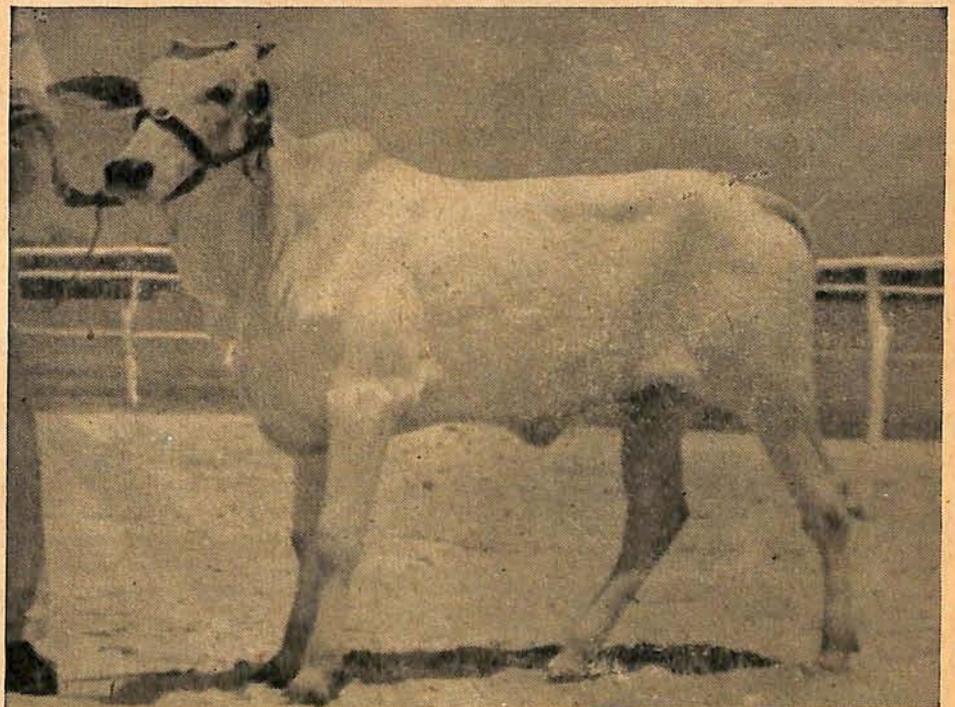
Av. Independencia, 565 - BELEM - Pará



A' direita: outra das
grandes crias da Fa-
zenda São Lourenço:

PERNAMBUCANA

1.º prêmio entre as fê-
meas de sua categoria,
no certame da
Ilha do Marajó.



FAZENDA GAVINHO

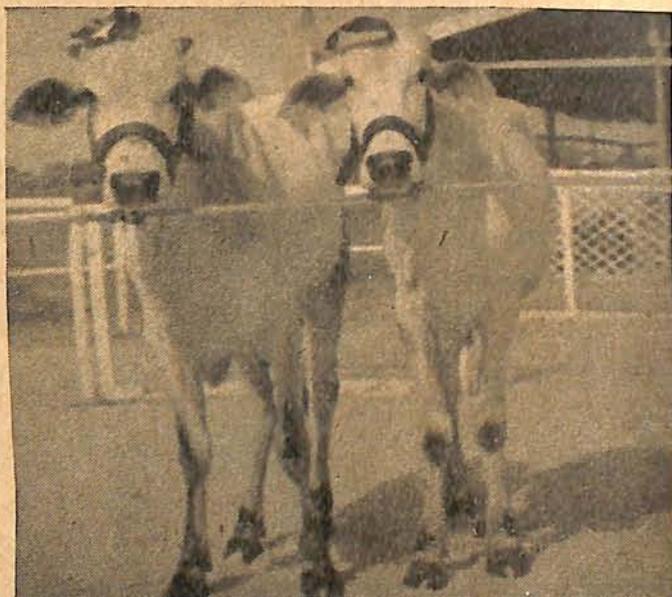
Criação de gado da Raça Nelore, situada no município de **S O U R E** — Estado do Pará

Propriedade do

Dr. Raul
Engelhard

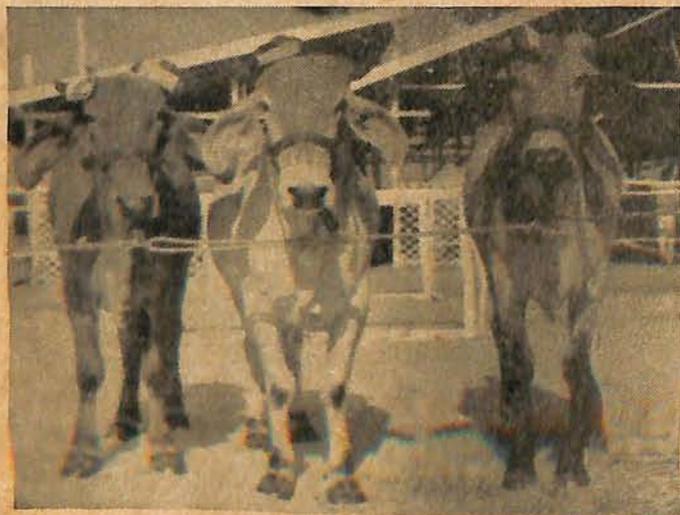
Ilha do Marajó

A' direita, os garrotes
FACEIRO e PAVÃO —»
2.º prêmio e M. H. da Raça Nelore,
entre os machos de 16 a 29 meses.



FAZENDA MENINO DEUS

Grandes plantéis de gado de corte e de alta mestiçagem das raças zebuínas, propriedade dos srs. **FERNANDO ENGELHARD** — **FRANCISCO PINHEIRO** e dr. **ALMEIDA PERNAMBUCO**.



ILHA DO MARAJÓ
S O U R E
- PARÁ -

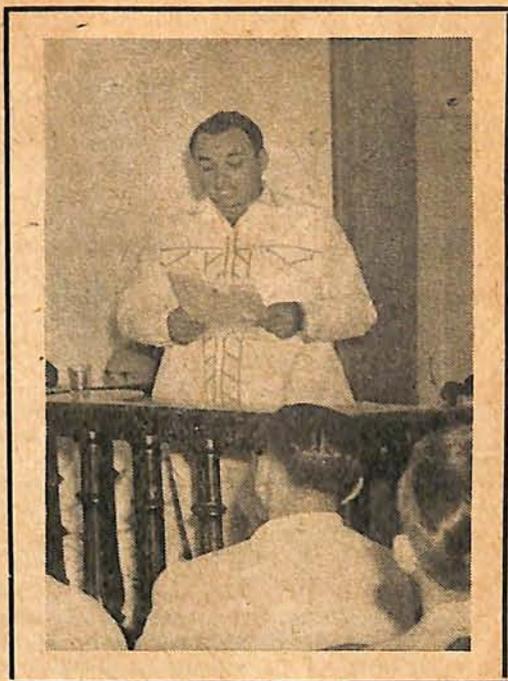
A' esquerda do clichê: as novilhas **DAMA e RUMBA** fazem parte do grupo de três que julgadas na categoria de gado mestiço para corte, ganharam o 1.º prêmio como «o melhor conjunto racial econômico de gado mestiço zebú», na Exposição-Feira de Soure.

PROGRESSO

- E -

AMBIÊNCIA

Palestra proferida pelo dr. Irval Corrêa Lobato, em 31 de Agosto de 1952, por ocasião da 1.ª Exposição-Feira Reg. de Pecuária, da Ilha de Marajó, Município de Soure.



“Tenho alhures comparado o viajante da corrente do Amazonas a uma formiga que faz uma excursão sobre uma coluna corinthia pelo fundo de uma de suas concavidades”, disse Frederico Hartt, para expressar o contraste entre a pequenez do homem e o complexo geológico do imenso vale. Por certo êsse contraste é ainda mais acentuado na órbita sociológica planiciária, tanto mais quando, como no caso presente, é patente o estigmatismo visual do observador. Condescendi portanto com meus poucos conhecimentos, mas protestai com todas as vossas forças, contra meus erros de observação, porque isso não ferirá a vaidade de um homem despedido de méritos, mas, não apontá-los, poderá por falso juízo prejudicar uma região que tem o direito de ser uma das mais opulentas do mundo.

E' de perguntar-se:

Teria sido leviano Humboldt, quando vaticinou à Amazonia um futuro celeiro do mundo? Erraria Agassiz, ao afirmar que “Um império poder-se-ia dizer rico se possuísse uma só das fontes de indústria que abundam neste vale”?

Em verdade, as cousas são geralmente vistas de diferentes maneiras, de acordo com a mentalidade, o estado de espirito e um sem número de fatores, capazes de fazer periclitar o juizo crítico. O *Cyperus Giganteus* é maravilhoso do ponto de vista botânico no seu desenvolvimento incomum às ciperaceas forrageiras e representa um fracasso agrostológico, pelo infimo valor nutritivo quando adulto. As florestas Amazonicas que para Wallace “Em parte alguma do globo há tão extensas...”, constituem o tormento do madeireiro pela dispersão de espécies econômicas, constatadas por Block, Dobzhansky e Pavan com 564 individuos de 60 espécies diferentes por hectare em igapó e 423 individuos e 87 espécies diferentes em terra firme. A nós entretanto que nascemos amazonidas e que insistimos teimosamente em viver na Amazonia, cumpre investigar nossas possibilidades e os motivos determinantes de duzentos anos de estagnação econômica.

Para efeito de melhor observação, permiti-

me restringir geográficamente à Marajó e economicamente à pecuária, o presente estudo.

Theodoro Braga, dá para a população bovina da Ilha os números de: 400.000 no ano de 1756 — 500.000 em 1803 — 109.364 em 1818 e 193.672 em 1881. Assim, em duzentos anos de criatório, com recuos e avanços, podemos constatar um tétó, muito aquém de sua extensão territorial e de sua propalada exuberancia, principalmente se tivermos em vista a carência alimentar de toda uma região, que por isso se vê tolhida em sua ansia de progresso.

Históricamente está provada a possibilidade de uma grande pecuária insular. Da fundação da primeira fazenda de gado às margens do Arari, pelo carpinteiro Francisco Rodrigues Pereira que Theodoro Braga situa em 1680 e Le Cointe em 1692, foi feito o primeiro suprimento para Belém 34 anos mais tarde, ou seja em 1726 e em 1820 contava a ilha com mais de 500.000 bovinos e o apreciável número de um milhão de equinos, progresso tanto mais surpreendente se tivermos em conta os métodos extrativistas em que foi feito o criatório e o insucesso da criação em regiões tropicais com gado de origem européia, que para nós deveria ser fatídico, colocados a zero grau de latitude.

Cientificamente, parece-nos provada também a excelência do sólo, pelo menos para pecuária, e cultura de baixada. Estudos recentes efetuados pelo Instituto Agrônômico do Norte nas baixadas do Guam-á e relatados pelo professor Rubens Lima na aula inaugural de 1952 na Escola de Agronomia do Pará, demonstram recordes em culturas sucessivas de arroz pelo periodo de 5 anos e sem adubação. Chermont de Miranda e Le Cointe, classificaram um sem número de forrageiras indigenas e modernamente Adolfo Ducke e George Black, estudaram fatigantemente o primeiro “AS LEGUMINOSAS DA AMAZONIA BRASILEIRA” e o segundo “OS CAPINS AQUATICOS DA AMAZONIA” com ocorrências constantes principalmente destes últimos nas baixadas da ilha.

E' sabido que 4/5 de sua superficie são cons-

tituidos de quaternário recente. Em outras palavras, constituídos de sedimentação do grande rio, por colmatagem natural. Isso por si só seria o suficiente para demonstrar a excelência do solo, de vez que segundo cálculos de Katzer citados por Sioli, "O Amazonas anualmente despeja pela garganta de Obidos, 618.156.000 toneladas em média de materias em suspensão e dissolvidos na sua massa d'água..."

Mais adiante diz Sioli: "Conforme as análises de Katzer, redondamente 2/3 desta soma, quer dizer 400x10⁶ t (400 milhões de toneladas) por ano, são particulas minerais em suspensão."

De "As idéas de Alberto Torres" em tão boa hora catalogadas pela cultura metódica de Alcides Gentil, calaram-se fundo as duas seguintes sínteses: 1) "Organizamos, pelo contrário uma instrução pública que é um sistema de canais de êxodo da mocidade do campo para as cidades e da produção para o parasitismo" e 2.) "Precisamos educar nosso povo, na arte varonil de transformar idéas e sentimentos em atos."

Agonizantes no extrativismo, não evoluimos da mentalidade extrativa e arrecadadora para a mentalidade de fomento e produção. Cultura essencialmente literária, ao ingressarmos na República ancoramos no placido lago de divagações filosóficas, em que a liberdade, a igualdade e a fraternidade importadas da Cidade de Luz, tomavam o lugar das pesquisas científicas e das realizações práticas. Daí, nosso completo alheamento a tudo que nos diz respeito e que provocou de um abalitado catedrático de zootecnia da Universidade Rural o professor Otávio Domingues, a seguinte declaração: "... porque conheço muito bem como é imensa nossa ignorância a respeito dos inúmeros problemas da pecuária brasileira, a que não faltam conselheiros com fórmulas feitas, tiradas apenas de observações demais restritas, ou de ouvir dizer ou de equiparações indevidas, mas só muito raramente do conhecimento direto ou da experimentação. E me aflige como professor e como zootecnista, distribuir essas "fórmulas feitas", porque as comparo com moedas falsas, de efeito muito mais pernicioso, porque difíceis de serem avaliados os limites de sua falsificação. A ilha de Marajó, espera, ainda muito pacientemente, pelo zootecnista que a estude, com elementos de trabalho e dispondo de tempo para uma obra ao mesmo tempo científica e pragmática. Por enquanto, ela não passa para a zootecnia crioula de uma expressão geográfica."

E isso não foi mal apenas brasileiro. Louis Bromfield, em conferência na Sociedade Rural Brasileira, observou que "Nos Est. Unidos chegou-se à conclusão de que a agricultura é uma profissão difícil, exigindo maiores conhecimentos que qualquer outra". Houve uma época na agricultura, com a qual provavelmente o Brasil está familiarizado, — disse êle — em que os lavradores mandavam seus filhos mais inteligentes estudar em escolas superiores, ficando nas fazendas os menos votados ao estudo". Atualmente, verifica-se o contrário nos Estados Unidos os menos doados intelectualmente é que vão estudar nas cidades, ficando para gerir as fazendas, os mais inteligentes". Mas essa mentalidade extrativista incapaz de "transformar idéas e sentimentos em atos" não é exclusividade do homem rural. Ela vem do alto. Vem dos homens sobre quem peza a responsabilidade da prosperidade nacional.

Quem se der ao trabalho de compulsar as "falas", os relatórios e as mensagens dos presidentes de província e governadores, verá não serem de hoje os males que nos afligem, nem a maneira singular de os solucionar...

A escassês de carne verde data de 1858 e Abel Graça em 1870 queixava-se da seguinte forma: "Como sabeis, senhores a carne verde que é para bem dizer o maior senão o único genero de alimentação para os habitantes da capital da Província, continua a vender-se de péssima qualidade e por preço excessivo se o compararmos à inferioridade do produto em si."

Em 1881, José Coelho da Gama e Abreu, amargura-se em termos que poderiam ser subscritos por qualquer de nossos atuais governadores: "Se falarmos da carne talhada, é de péssima qualidade, roubada no peso e de um preço que nunca sendo menos de 500 reis, chega a 800 reis o kg."

Este estado de cousas, embora macróbio chegou entretanto até nós como sinal dos tempos modernos.

Pareceria a qualquer espirito medianamente sensato mais acertado, investigar a origem da alta do preço e contorná-la por processos científicos: fomentando e modernizando a produção para que se tornasse mais barata e equilibrando ao mesmo tempo a oferta com a procura. Mas a mentalidade extrativista, do século passado, resolveu ou melhor complicou o problema, como o teriam feito os atuais "protetores do povo". Promulgou-se uma lei regulando o preço máximo para a Capital no quinquênio 1858-1863. O resultado não tardou e é Araujo Brusque quem o conta em relatório de 1863 nos seguintes termos: "Dias e semanas sucediam-se em que não tínhamos carne verde no mercado da cidade".

"Este estado não era de surpreender e devia ser esperado".

"Eram os efeitos naturais de uma lei do máximo, que como todas as outras forçosamente deveria contrariar o seu próprio fim..."

"E as classes menos favorecidas da Capital, — continua Brusque —, aquelas mesmas a quem a lei quer proteger, eram as que mais sofriam neste estado de cousas..."

Sacrificou-se naquela ocasião a pecuária e o povo. Foi a solução que lembra o conceito econômico de De Torres, quando diz: "aquele antropófago que devorou a própria mulher, resolveu um grande problema econômico: nutrir-se ótимальmente comendo a metade."

Não é possível entretanto continuar-se com a mesma mentalidade acanhada na Amazonia, tais são as responsabilidades dela no mundo carente em que vivemos.

Urge uma reforma e essa senhores, deve ser por todos os motivos, ser iniciada em Marajó. Ela possui os mais férteis solos da planície; está colocada em posição economicamente estratégica; possui o boi, a semente necessária para os grandes empreendimentos de uma pecuária equatorial; possui clima que segundo Le Coite, é "um dos mais acolhedores para o viajante e o colono nacional e estrangeiro"; seus grandes problemas: as secas e as cheias são obstáculos facilmente removíveis desde que se disponha de meios materiais, honestidade e capacidade de trabalho; seus canais de desaguamento ao mesmo tempo poderão servir para irrigação na estação

de estio; seu sub-sólo ao contrário do nordeste contém água a pequena profundidade; *não conhece o berne nem a queima de pastos pela geada e o que é essencial, possui uma equipe de homens mentalizados capazes de grandes realizações.*

Mas senhores: não só para o desenvolvimento dos seres vivos o fator ambiente é necessário. Também o progresso necessita de ambiente propício.

Ainda recentemente o Governo Federal desejando dotar Marajó de um serviço de inseminação artificial enviou um de seus destacados técnicos o dr. Hugo Mascarenhas que, depois de percorrer toda a ilha, elaborou substancioso relatório do qual não posso pela sua criteriosa observação deixar de citar excertos. Diz o dr. Mascarenhas: "A inseminação artificial, é um método que exige para sua aplicação plena, um certo desenvolvimento e aparelhamento técnico da criação", e mais adiante: "são classes de teoremas, cujos corolários são patentes. Senão vejamos: 1.º — Sobre gado doente, não é possível trabalho de inseminação artificial. Corolário: Há que fazer o controle sanitário do gado. 2.º — Sobre gado desnutrido ou sub-nutrido, não são possíveis trabalhos de inseminação artificial. Corolário: Há que tratar de forrageamento, preparo de pastagens, armazenamento, produção e importação de concentrados. 3.º — A inseminação obedece normas zootécnicas. Corolário: Há que estudar o rebanho sob o aspecto zootécnico, afim de estabelecer normas e raças a serem introduzidas, assim como os processos de seu melhoramento".

E mais adiante: "Entretanto, longa e difícil será a estrada que havemos de percorrer, para chegarmos em Marajó ao cumprimento formal destes apóstrofes".

Outro tropeço, encontrado pelo eminente técnico, foi a questão de transporte. Transportar semen ao longo dos rios e em costa de cavalos é solução até mesmo jocosa, não fôra a gravidade do problema alimentar e a responsabilidade da ilha na obra de desenvolvimento da planície. Seria perder tempo precioso e perda de tempo tem sido infelizmente a madrastra do desenvolvimento planiciário dosado em economia homeopática.

Em resumo falta-nos ambiente para uma civilização adiantada, em consequência daquela mentalidade extrativista incapaz "de transformar idéias e sentimentos em atos."

De que consta então esse ambiente, — perguntareis — capaz de operar milagres? Eu vos responderei apenas com um convite para visitar-dez o Amapá, onde se esboçam os primeiros vestígios de uma civilização moderna, em um ambiente geograficamente mais amplo, mas sem o lastro econômico sólido que são a pecuária marajoara e a fortuna individual dos ilhéos.

E se lá não poderdes ir, respondervos-hei que essa ambiência resume-se:

- 1.º) Em rodovias que com a higienização, com a inseminação, com a assistência, com o aproveitamento dos sub-produtos, implantam o progresso.
- 2.º) Em o ensino rural que modifica a mentalidade extrativo-burocrática e evita o exodo "da mocidade do campo para as cidades e da produção para o parasitismo".

3.º) Em profilaxia humana e veterinária.

4.º) Em regularização do regimen de águas.

5.º) Em sistema de crédito especializado no fomento à produção.

6.º) Em modificação do sistema tributário.

Eis as seis cousas que cumpre ao governo fazer, porque o resto o fará a iniciativa privada com os serviços públicos ordinários.

Já me chega entretanto aos ouvidos o eco da voz da impotência realizadora e do comodismo impatriótico, dessa preguiça mental a que Temistócles chamou de "sepultura dos vivos" e onfúcio disse, caminhar "tão lentamente que a pobreza não faz muito esforço para alcançá-la", a chamar de utópicos tais planos.

Que diríeis entretanto se tivéssemos de levantar diques na ilha como os holandeses para aproveitar seus "powders" ou se tivéssemos de elevar as margens de um rio como o Amarelo na China? Um programa rodoviário não seria inexequivel, pelo simples fato de se ter que elevar a média de um metro o seu leito, sabido que para as máquinas modernas isso é trabalho de rotina. O custo um pouco mais elevado, não seria tão dispendioso que os proveitos auferidos não recompensassem o sacrificio. Além de tudo, o suprimento de pescado proveniente de lagos artificiais oriundos da remoção de aterro para a rodovia, por si só representaria obra meritória, proverbial como é a prodigalidade ictiológica da ilha, como provam os aterros de Camburupy, Sta. Izabel e S. Sebastião, a dois passos do local desta palestra.

O ensino rural, representou para o Mexico a recuperação da produção agro-pecuária. Com noções de higiene, de técnica agricola enfim, o homem rural mexicano acha-se integrado na sua comunidade como propulsor do progresso, ao contrário dos nossos graduados de curso primário que segundo o grande educador Carneiro Leão transformam-se infalivelmente, em cabos eleitorais e funcionários públicos.

Não é necessário tomar vosso tempo com apologia à profilaxia, ao crédito para fomento à produção, nem à regularização de regimen de águas porque melhor que eu compreendereis o que isso representa. De uma coisa entretanto insisto em vos falar, qual seja, da reforma de nosso sistema tributário. Em geral, o imposto recai sobre o produto do cultivo do solo acontecendo então o paradoxal: o homem que produziu e foi útil à sociedade, pagou pelo pecado de produzir, enquanto o inativo possuidor de terras que as não trabalhou e portanto foi um peso morto aos seus municipes, nada paga e não tem contra si armas que o obriguem à produção. Tenho para mim, que embora podendo ser objeto de dominio particular, a terra exerce no século atual a função social da abastança dos povos, não sendo justo portanto dominar-se solo que se não trabalha.

Guardo como atual o conceito de Swift de que "quem soubesse fazer crescer duas espigas de milho ou dois caules de qualquer erva onde antes um só crescia, mereceria mais da humanidade e serviria melhor à própria pátria que toda uma pleiade de políticos juntos".

Um remedio então se impõe, já que não será licito tomar ao proprietário as terras não cultivadas. Esse remedio, é desonerarem-se de im-

postos os frutos do cultivo do solo e taxar-se o hectare, de acordo com o que êle deveria produzir, ou melhor de acordo com a sua produção em potencial. As consequências disto, seriam, obrigar o proprietário a produzir, ou forçá-lo dar terras para quem as trabalhasse.

Perguntai-me entretanto se nos moldes atuais não poderíamos aumentar nossa produção e eu vos responderei que não. Obstruídas as artérias fluviais, cortou-se à ilha a possibilidade de colmatagem natural e portanto de adubação pelas águas amazonicas, a não ser na região marginal além de perderem-se, por excesso de água represada, grandes extensões outróra aproveitadas.

Se fizermos o cômputo geral do gado saído não só para Belém mas também para outros municípios e para o exterior, desde que a ilha se destinou à criação, êle nos dará aproximadamente um exportação de 8.000.000 de cabeças. Tomando por base o cálculo de Hermódorff na constituição das ossadas de bovinos, teremos como resultado um deficit para a ilha de trinta e quatro milhões de kg de ácido fosfórico e 42.800.00 kg de cálcio, deficit que se acentuou na parte mais alta do seu território. Fatos históricos são acordos com êstes cálculos e é de citarem-se os das fazendas S. Braz, S. Francisco Xavier e N. S. do Rosário, então dos jesuitas e que segundo Serafim Leite, possuíam em 1759 duas mil e quinhentas rêsas e daí a esta data nunca mais atingiram a casa de dois milhares, mau grado o esforço titanico de um de seus ex-donos. O segundo fato que demonstra êsse deficit, é a infestação dos pastos por ervas daninhas entre as quais sobressai o algodão bravo (Ipomea Fistulosa MART) e o terceiro, a ocorrência frequente de fraturas, em bovinos, no vale do Anabijú.

Se me perguntardes quais as possibilidade econômicas da ilha em exploração semi-intensiva, depois de criado o ambiente para a pecuária eu vos responderei em números:

Alvaro Adolfo em brilhante relatório na Comissão de Finanças do Senado sobre o Plano de Valorização da Amazonia, calculou em 41.964 Km² a superficie marajoára, "com mais de quatro quintos de terras de varzea" ou seja 3.837.200 hectares de aluvião, as quais, aproveitadas cientificamente, comportariam a bagatela de sete milhões e meio de bovinos.

A êsse respeito ainda desejo afirmar duas cousas: 1.º não importar para o preparo de pastagens, que a varzea seja mata, podendo servir de padrão a região marginal do Marajó-Açu. Muito ao contrário, presta-se excelentemente para a pecuária leiteira. 2.º) Que a base de duas cabeças por hectare em pastos plantados e subdivididos não é obra de fantasia mas fruto de experiência.

Resta saber se o Pará poderá arcar com a responsabilidade de vultuosa despesa na ambientação da ilha.

Tenho para mim, que atualmente não pôde e que nunca em sua história o poudes porque todos os chefes de estado sempre sentiram os problemas marajoaras, pelo menos quando havia falta de carne verde, "o maior si não o único genero de alimentação" no dizer de Abel Graça.

Assim, em 1874, Pedro Vicente de Azevedo, em relatório dizia: "Entretanto se medidas de algum modo protetoras não vierem auxiliar e acoroçoar os criadores, é bem provável que a indústria da criação seja envolvida na decadência". Mas as medidas não vieram.

Em 1881 é Gama Abreu que diz: "... cumpre auxiliar êste aumento da mesma maneira que obstar a decadência nas fazendas de Marajó...". E a decadência continuou.

Em 1882, João José Pedrosa clamava: "A necessidade de desenvolver a criação de gado vacum para livrar-se a população da capital das dificuldades com que lutam para alimentar-se...". E a população continuou desnutrida.

Ainda em 1882 Justino Pereira Carneiro, lembra: "Convém examinar a indústria de criação de gado na ilha de Marajó e no Baixo Amazonas, melhorando os pastos e tornando mais abundante a produção que ou por degeneração da raça, ou por outro motivo ainda não conhecido, tende a diminuir." E os pastos continuaram sujos. Em 1884 a Camara Provincial que regeitando a proposta de Colantino Souza para abastecer Belém por meio de "ar frio" mediante auxilio anual de 120:000\$000 pergunta: "Não será pois mais acertado em vez de gastar-se os dinheiros públicos com subvenções, despenderem em beneficio da nossa indústria pastoril? E os dinheiros públicos ainda desta vez não foram gastos na pecuária; mas a Camara apesar de tudo, conseguiu com a pergunta, demonstrar duas cousas: seu extraordinário bom senso e seu mau português.

No relatório de 1855, do dr. Carlos Augusto de Carvalho, agrada-nos pelo menos a franqueza quando categoricamente declara, que "O governo da Provincia não pode tudo", emitindo mais adiante um conceito econômico que jamais lêramos: é o de que "As vezes deve o governo Provincial negar auxilio, para provocar a iniciativa local...". Constituiu-se desta maneira entre nós, o precursor do fomento por emissão...

Ferreira Braga em 1889, confessa: "Não podendo a Provincia pelo estado de suas finanças promover com auxilios o desenvolvimento dêste ramo da indústria, ao menos deem-se ao criador as medidas de que tanto carece, para garantia de sua propriedade, tão exposta a depredações por falta de policia conveniente". Entretanto o furto generalizou-se de tal maneira, que Lauro Sodré, o escrinio de virtudes republicanas, constatou em 1895, tratar-se "de grave mal crônico".

Mas foi o mesmo dr. Lauro Sodré, que em mensagem de 1896 declara ter extinto a Policia Rural, por não consignar a lei do orçamento a respectiva verba.

Furta-se até hoje em Marajó, onde bandos armados invadem propriedades, mas nega-se a criação de uma policia especializada e há mesmo homens de responsabilidade pública, considerando o ladrão de gado apenas um caso de desajustamento social.

Não desejo documentar mais, aquilo que os governos pensaram e fizeram em favor da pecuária. Não me posso entretanto furtar à transcrição de uma das mais belas mensagens que me foi dado ler. E' a de Enéas Martins de 1916, que estuda os problemas rurais com clareza meridiana. Depois de falar em crédito agrícola, exposições feiras, e expender conceitos zootécnicos e econômicos com verdadeira mestria, transcreve o seguinte trecho de seu "diretor de serviço", uma pérola em realidade e em estilo: "A crise que por aí anda afligindo toda a República, crise comercial, crise financeira, crise monetária, crise política, crise de transporte, crise de salário, crise de ensino, crise moral, até, — não é senão uma expressão da crise da agricultura."

Eis senhores, a demonstração de que faltaram-nos na administração pública, homens que soubessem "transformar idéias e sentimentos em atos".

Desejo contudo esclarecer que não lanço a inteira responsabilidade dêsse estado de cousas diretamente aos homens públicos que governaram a terra, porque não sou dos que esperam um Messias para a salvação nacional. Mas creio, que a grandeza das nações está na razão direta da mentalidade realizadora do povo.

Oliveira Viana, estudando "O preconceito da superioridade cívica dos elementos da oposição", demonstra historicamente o erro do messianismo político com o que chamou "ciclo das salvações militares", ao tempo de Hermes, com a queda das oligarquias dos Neris, dos Maltas, a queda dos Lemos e dos Aciolis. "Sob o clamor do entusiasmo dos povos "redimidos" (diz Viana) subiram os "salvadores", isto é os que iam cumprir a Constituição, salvar as instituições, realisar as "promessas do regime", tal como haviam concebido em 91 os seus idealizadores e fundadores".

"Entretanto, (é ainda Viana quem fala) que é que todos verificamos? O que todos verificamos com a evidência e flagrância das experiências nos laboratórios de física — foi que nada havia mais parecido com um "oligárca" que um "salvador". Daí eu me permitir neste ligeiro desvio da palestra um conselho aos homens que ainda estudam e ainda tem ideais cívicos, a formarem elites nos seus diversos sectores de actividades, afim de permitirem uma ação de equipe corroboradora das iniciativas governamentais.

Mau grado a boa vontade de seus governantes, não creio, já o disse, que o Estado possa arcar com a responsabilidade das despesas para a transformação da ilha e não desejaria como paraense que ela se desmembrasse do Pará. Mas uma única solução vejo para o caso: que se elabore um plano duodecenal para a ambientação do arquipélago marajoára a produção agro-pecuária durante o qual, e só, por esse tempo, se constitua o mesmo tem território federal, voltando depois de esgotado o prazo e realizado o plano à comunidade paraense.

A exploração semi-intensiva do arquipélago, crede-me, é condição primordial para a valorização da Amazonia.

As dez espécies de ácidos aminados indispensáveis à alimentação humana, via de regra, apenas são encontrados em conjunto, nos produtos de origem animal. E nossas populações tanto das cidades como dos centros agrícolas, sofrem dos males de carência justamente por falta de carne, leite e ovos. O reflexo dessa falta na eugenia dos povos pode ser sintetizado naquele conceito de Josué de Castro de que "O fato de ser o peso médio de um chinês 55 kgs. e de um europeu 63, é mais um problema de fome do que de raça". Mas tristemente é o mesmo autor quem constata, consumir o amazonia apenas a media de 1800 calorias quando as necessidades do metabolismo basal montam a três mil. Assim aquele caboclo magistralmente pintado por Monteiro Lobato de andar desengonçado, economizando madeira no banco de quatro pernas porque três equilibram-nos suficientemente, economisa em verdade pelo menor esforço, a minguada energia que a farinha lhe nega e o feijão não lhe dá.

Os dermatologistas da economia amazonica, aqueles tementes de se aprofundar além do que lhes permite a cultura periférica, apregoam a densidade demográfica com emigração em massa, como a pedra filosofal de suas alquimias demagógicas, para solução do enigma amazonico. Serão contudo mais estômagos vazios a agravar o problema alimentar dos já desnutridos habitantes de agora. Daí a necessidade premente da ambientação do arquipélago para produção em grande escala de alimentos de origem animal, como base alimentar para tais emigrações.

E isso porque as necessidades de população para a Amazonia soã tais, que a sua falta poderá implicar mesmo em constante perigo à integridade nacional.

Para verdes que não sou fantasioso, observaí que a população mundial orça por volta de dois bilhões e meio. Com o progresso da hygiene abstraído o fenómeno da guerra, há um tendência para duplicar em curto espaço de tempo esse número, tendo Lord John Boyd Orr prognosticado quatro bilhões "ainda na geração de nossos filhos".

Por outro lado, é necessário dizer-se que as áreas agriculturáveis, montam no mundo a quatro bilhões e quatrocentos mil, es de hectares dos quais a área cultivada é de apenas um bilhão e seiscentos milhões contra dois bilhões e oitocentos milhões inaproveitados entre os quais encontra-se a quase totalidade do território amazonico.

A não ser que a era atômica consiga a produção de alimentos sintéticos, teremos forçosamente que receber por bem ou à força essas avalanches humanas e para isso devemos estar preparados.

E a ambientação da ilha para produção de alimentos de origem animal, eis a solução que apresento e que só poderá agradar aos que trabalham na Amazonia pela grandeza da Amazonia. E essa ambientação é inadiável por um fato que desejo denunciar a toda a Nação. E' de que a raiva, a terrível doença que dizima os bovinos do Rio Branco, encontra-se já em sua ronda fatídica nos rebanhos de Altamira. Atingida Marajó pela peste, perderemos irremediavelmente grande parte de nosso rebanho, com irremediáveis prejuizos ao Vale, justamente pela dificuldade no combate à epizootia, por falta de transporte fácil e demais requisitos imprescindíveis à profilaxia.

Senhor Presidente da Associação Rural de Pecuária do Pará; passo às vossas laboriosas mãos de pecuarista a presente proposta da criação do Território Federal do Arquipélago Marajoára. Tenho certeza de que essa é a aspiração unanime dos pecuaristas ilhéus que lutarão de todas as maneiras, para vê-la transformada em realidade. Hoje ela é uma humilde idéia, do mais humilde de seus filhos. Mas sobre a idéia desejo lembrar-vos aquelas palavras magistraes ditas pelo mais eloquente orador sacro do mundo português, o padre Alves Mendes: A idéia "é a semente dos fatos e a florescência dos povos. Os povos vivem pela idéia, crescem pela idéia, bracejam pela idéia, prosperam pela idéia, avantejam-se, enaltecem-se e glorificam-se pela idéia." E a idéia da criação do Território do Arquipélago Marajoára, deve tomar vulto e realizar-se e deve ser objeto de cogitações constantes dos que amam a Amazonia e desejam conservá-la para grandeza do Brasil.



Nossas Capas

PARNASO e SUA DONA

A capa principal deste suplemento é ilustrada com uma linda fotografia da senhorita Marília Boulhosa, filha do dr. Raul Boulhosa e de sua exma. esposa, sra. Alice Boulhosa, montando o touro da Raça Nelore — **PARNASO** — campeão da I.ª Exposição-Feira Pecuária de Soure, na Ilha do Marajó, Estado do Pará.

O dr. Raul Boulhosa é um dos grandes criadores de gado zebú naquele estado, e um dos componentes da firma Boulhosa & Filhos, com fazenda de criação no município de Ponta das Pedras, residindo na capital paraense.

O seu reprodutor PARNASO que apresentamos em a capa deste suplemento é o chefe do seu plantel da Raça Nelore naquela estância de criação que se denomina Fazenda Menino Jesus.



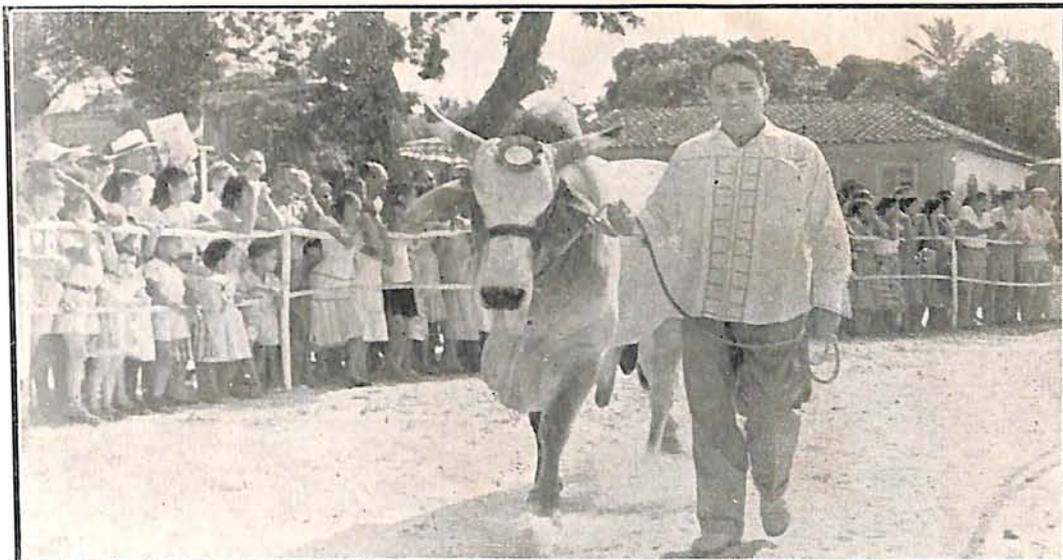
A 2.ª capa está ocupada pelo campeão Jr. Nelore que levantou a Taça S. R. T. M.; a 3.ª apresenta BONITÃO, chefe do plantel da Fazenda Ribanceira e a 4.ª os campeões Gir das Fazendas «Uberaba» Ltda.



SUMARIO

O que eu vi na Ilha do Marajó — André Weiss	3
I.ª Exposição-Feira Pecuária da Ilha do Marajó, em Soure — Repor- tagem	5
Fazenda «Menino Jesus»	16
A ação do 2.ª Distrito de Portos, Rios e Canais, na Ilha do Marajó — Reportagem	17
Fazenda DUNAS	22
Plano de Recuperação da Ilha do Ma- rajó — dr. Acrísio Fúlvio de Mi- randa Corrêa	23
Fazenda S. Lourenço	26
Fazendas Gavinho e Menino Deus ..	28
Progresso e Ambiência — Conferên- cia pelo dr. Ierval Lobato	29
Sumário — Nossa Capa	34

Ao lado:
por ocasião do
desfile de ani-
mais premiados,
na I.ª Exposição-
Feira de Soure,
o touro BONI-
TÃO é conduzi-
do pelo seu pro-
prietário.



Fazenda Ribanceira

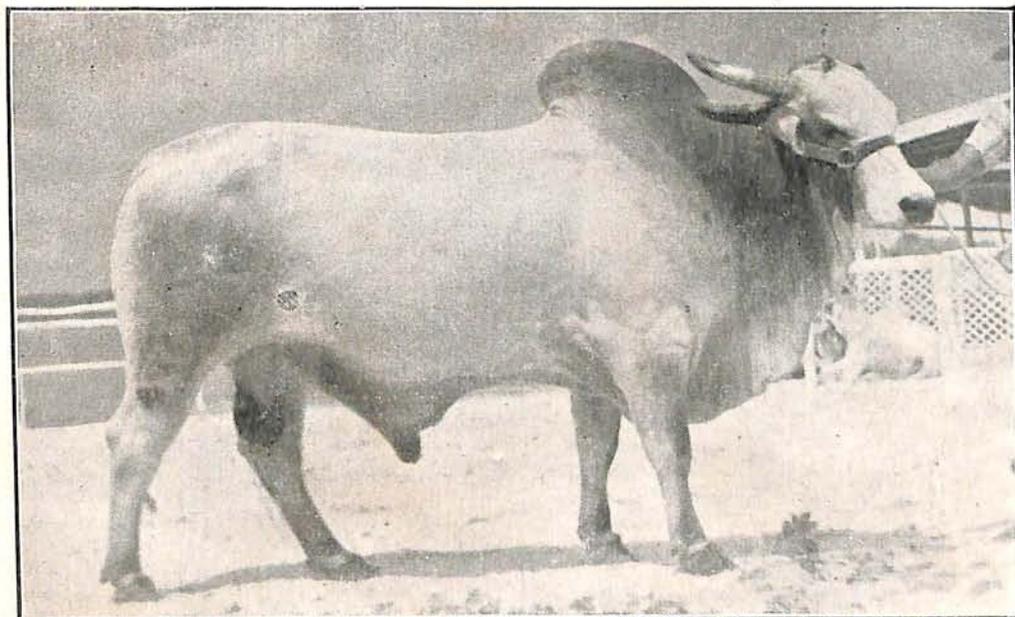
— CRIAÇÃO E SELEÇÃO DE GADO NELORE —

Mun.º de S O U R E — Ilha do Marajó — Par á

Propriedade do dr.

IRVAL LOBATO

— Rua Oliveira Belo, 51 — BELÉM — Est. do Pará —



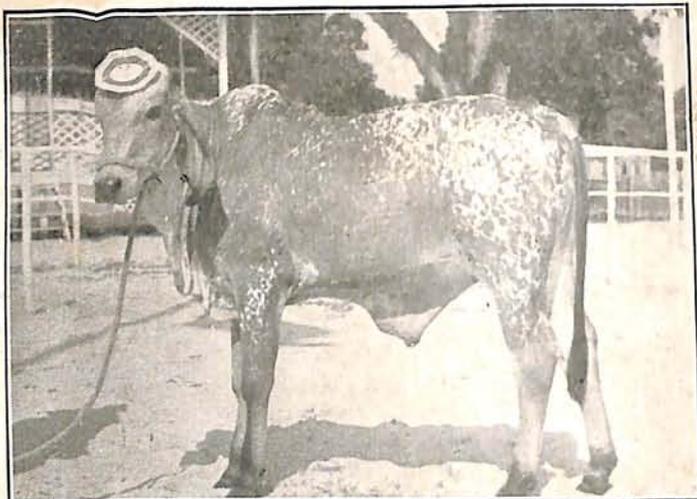
A' esquerda, o
reprodutor

BONITÃO

2.º prêmio da ca-
tegoria em que
o campeão foi o
1.º, no recente
certame de Ma-
rajó e chefe do

plantel da
**FAZENDA
RIBANCEIRA.**

Criação, seleção da Raça Gir e criação e revenda de gado Gir, Nelore e Indubrasil, com exposição permanente na FAZENDA TAPANÃ, estrada de Icorací, município de BELÉM Estado do Pará.



Fazenda UBERABA Ltda.



Acima: o garrote **GUILHERME III** filho de Guilherme (à esq.) e de Primeira. Cria do plantel e Campeão Jr. da Raça Gir, no certame.

Em baixo: **CABRITA**, 1.º prêmio da Raça Gir e Campeã da I Exposição Pecuária de Soure — Pará.



PROPRIEDADE DE

COSME e DELMAR ALMEIDA CAVALCANTE

Rua Rui Barbosa, 762 — BELÉM — Est. do Pará



Acima: o magnífico reprodutor **GUILHERME**, filho de **GUILHERME** e neto de **GAIOLÃO** e 1.º prêmio, em 1946, na Exp. Nacional de S. Paulo. No recente certame da Ilha do Marajó, Guilherme sagrou-se Campeão da Raça, como um 1.º prêmio de sua categoria.

